

PSICOLOGIA  
JUNGUIANA SOB  
O OLHAR  
ESPIRITUAL  
APROFUNDADO

Espírito Dr. Abraham  
Arden Brill

Através do médium Fabio Bento

[www.institutopiramide.com.br](http://www.institutopiramide.com.br)

**Esta obra está registrada no Escritório de  
Direitos Autorais e o autor cede gratuitamente  
os direitos para veiculação através do site  
[www.institutopiramide.com.br](http://www.institutopiramide.com.br).**

**A divulgação e o compartilhamento desta obra é  
livre e gratuito, respeitada a sua integridade e  
vedada a sua comercialização.**

## Sumário

<b>Introdução</b>	<b>Pág. 04</b>
<b>Nota do Médiun</b>	<b>Pág. 08</b>
<b>Os Complexos</b>	<b>Pág. 09</b>
<b>A Libido</b>	<b>Pág. 32</b>
<b>O Inconsciente Coletivo</b>	<b>Pág. 53</b>
<b>A Depressão</b>	<b>Pág. 81</b>

## Introdução

A psicologia é um ramo científico que provoca admiração e reações das mais diversas naqueles que com ela tomam contato, desde espanto por sua complexidade até respeito por seus pensadores.

Não há dúvida que os Drs. Freud e Jung são os pais da psicanálise. Como o Dr. Freud era cerca de 20 anos mais velho, foi natural que o Dr. Jung no começo de sua trajetória tivesse nos estudos do Dr. Freud sua referência e direcionamento racional iniciais.

Entretanto, em determinado momento tal direcionamento foi rompido e teve seu curso corrigido pelo Dr. Jung, que na oportunidade, entendeu que as teorias ventiladas pelo Dr. Freud partiam de premissas equivocadas ou como algumas correntes preferem dizer, ultrapassadas.

Dr. Jung, portanto, passou a desenvolver a hoje conhecida como Psicologia Complexa, a partir de seu próprio direcionamento racional, fundamentado em premissas mais abrangentes.

Sua vida foi dedicada a este projeto, e de forma brilhante, fundou as bases da psicologia, que, chamada hoje de Junguiana, até os dias em que estas linhas são redigidas, conduzem os rumos dos profissionais desta área de estudo. Porém, Dr. Jung esbarrou na limitação que muitos cientistas

igualmente encontram: a questão espiritual, o elemento Deus.

Em toda sua vida e em toda sua obra, o elemento Deus foi pouco explorado e exposto de maneira clara pelo Dr. Jung. Evidentemente que, sob olhares materiais, não há até hoje equívocos em sua obra. Todavia, sob o olhar espiritual, há pontos a serem abordados e desdobrados, de forma a, em alguns casos, ampliar sua obra, em outros, trazer um novo prisma de entendimento, e, ainda, em outros, apenas apresentar seu correspondente espiritual.

Nesta obra, trataremos as questões pertinentes a serem tratadas, e um a um, apresentaremos os dados a serem considerados.

Estagiei durante anos no Burgholzli, o hospital psiquiátrico de Zurique, Suíça. Neste período, trabalhei com o diretor da instituição, o Dr. Eugen Bleuler e presenciei a história ser feita através do Dr. Jung, com quem diretamente me relacionei, entre os anos de 1900 a 1908, e através de intensa comunicação com o Dr. Freud, até o ano de seu desencarne em 1939.

Desde o meu desencarne em 1948, quando retornei o contato com Dr. Freud, aguardamos o retorno do Dr. Jung para, juntos, estudarmos e analisarmos toda a contribuição para a humanidade. Esta obra é fruto do desenvolvimento de tais

estudos e seus desdobramentos. A mim coube a tarefa de redigir e transmitir mediunicamente o conteúdo. A escolha pela opção mediúnica dá-se pela iniciativa de unir ciência e religião, e pelo fato de que nenhum profissional da psicologia ousou ampliar as ideias do Dr. Jung. E os que tiveram tal pensamento, não os levaram a cabo.

Portanto, apesar de diversas tentativas nossas de apresentar novidades a competentes profissionais que nos sucederam, para que estes ampliassem e discutissem as bases da psicologia, nada foi frutífero.

A mediunidade foi o caminho natural, mesmo não sendo vista, até os dias de hoje, como ciência pelos profissionais encarnados. Porém, como nós, na condição de desencarnados, possuímos outra visão, não nos intimidamos com o desafio, mesmo que esta obra esteja sob o risco do descrédito. Optamos por torná-la pública, e se muitos a podem desmerecer, outros tantos podem dela se beneficiar.

A escolha do médium foi outro caminho delicado a ser seguido, mas a opção lógica era por alguém sem formação profissional psicológica e sem conhecimentos avançados nesta área para que não houvesse resistência a seu conteúdo.

Outro detalhe importante sobre a escolha do médium: não poderia ser ninguém já conhecido no meio espírita para que não estivesse sujeito a

melindres ou a ideias preconcebidas a respeito de como trabalhar em casos como este, mas, ao mesmo tempo, precisava ser alguém com possibilidades de tornar a obra pública.

Devido ao médium em questão estar incluído em projeto para compartilhamento gratuito de suas psicografias, possuir as condições necessárias e estar dentro do perfil adequado, foi realizada uma aproximação com o mesmo, com seu guia espiritual e com os mentores que com ele trabalham para, posteriormente, iniciarmos a realização da obra.

Importante ressaltar que os tópicos serão abordados brevemente em seu conteúdo já conhecido, apenas como base, para que a expansão do assunto, através do olhar espiritual, o verdadeiro assunto desta obra, possa ser abordada com maior profundidade.

Não poderíamos nós, apenas pelo risco do descrédito, nos omitir em apresentar o fruto de nossos estudos em conjunto a partir do além-túmulo.

Esta é uma obra assinada por mim, porém, trata-se do primeiro trabalho público resultante de esforços conjuntos dos Drs. Freud, Jung e Brill.

Rio de Janeiro, 15 de junho de 2014.

## Nota do Médium

Em 2011, trazido por meu guia espiritual, aproximou-se de mim um espírito comunicante que, à época, se identificava como Doutor Hansen.

Na oportunidade, ele revelou que poderia voltar e desenvolver comigo outro trabalho pertinente à temática psicológica, quando aparecesse a ocasião propícia.

Em 2014, devido ao projeto de compartilhamento gratuito, deu-se a aproximação do irmão Ramatís, que, em sua obra “Induções Espirituais”, fez alusão expressa ao presente livro, embora, naquele momento, nenhum outro trabalho de psicografia estivesse em curso.

Alguns meses depois, apenas no momento em que psicografada a introdução da presente obra, o autor espiritual decidiu declinar sua verdadeira identidade, Abraham Arden Brill, que coincide com sua última experiência como encarnado. E daquele momento em diante, enfatizou que não mais seria necessário o uso do pseudônimo outrora adotado.

Rio de Janeiro, 04 de novembro de 2014.

Fabio Bento



## Capítulo 1 – Os Complexos

A partir de sua chegada ao hospital Burgholzli, no ano de 1900, Dr. Jung tomou parte em experiências de associações. Tais experiências eram realizadas em pacientes que apresentavam demência precoce, cujo nome posteriormente foi alterado para esquizofrenia.

Essas experiências consistiam na apresentação ao paciente de palavras soltas, sem significado entre si pelo experimentador. Tais palavras são denominadas indutoras.

O paciente precisava reagir ao estímulo com apenas uma palavra, a primeira que lhe surgisse. Esta é chamada de palavra induzida. E o tempo de reação, medido pelo experimentador, é o tempo entre uma palavra e outra.

Este é apenas um brevíssimo resumo acerca das experiências de associação, haja vista que não desejamos nos ater demasiadamente a elas, apenas servindo para introduzir o assunto principal deste capítulo.

Em síntese, o indivíduo examinado reagia às palavras indutoras em um tempo indeterminado, às vezes longo, ora curto.

Muitas vezes respondia com frases, outras vezes ria, empalidecia-se, envergonhava-se, podendo, inclusive, hesitar em responder.

Todas estas manifestações antes ou durante as respostas, após a palavra indutora ser pronunciada, eram desprezadas para o estudo. No entanto, Dr. Jung teve sua atenção voltada para todas estas perturbações apresentadas pelos pacientes.

E através do estudo destas manifestações e bebendo da fonte do Dr. Freud, com a prévia leitura do livro “A interpretação dos sonhos”, Dr. Jung começou a desenvolver a questão dos complexos. E a partir disto descobriu que havia um conteúdo emocional desperto pela palavra indutora, conteúdo este, oculto do estado de alerta do indivíduo, residindo no inconsciente.

Dr. Jung concluiu que esses conteúdos seriam complexos de ideias dotadas de forte carga afetiva, denominando-os complexos afetivos ou apenas complexos.

A partir deste momento, o psiquismo inconsciente passou a ser demonstrado experimentalmente. Dr. Jung intensificou tais experimentos. Todavia, o diretor do Burgholzli, Dr. Bleuler, ainda estava agarrado às teorias da psicologia clássica, mas, ao mesmo tempo, deixava sua mente aberta para as ideias do Dr. Freud.

Isso efervesceu o Burgholzi, que vivenciava o nascimento da psiquiatria interpretativa em oposição à psiquiatria descritiva. Era possível ver os assistentes reservarem espaço para a realização de experiências de associação, tanto em indivíduos normais, como em insanos.

Dr. Jung lançou livros sobre como os sintomas psicóticos guardam significação nos anos de 1906, 1907 e 1908. A partir disto, Dr. Jung introduzia definitivamente a palavra complexo ao vocabulário, palavra que ainda é largamente difundida.

A sociedade atual fala em complexo de superioridade, de inferioridade, complexo de Édipo, complexo de poder, etc.. Mas o complexo é quem possui o indivíduo, e não o oposto, e interfere diretamente na vida consciente. Os complexos são agrupamentos de conteúdos psíquicos carregados de afetividade. Estes possuem um núcleo de forte e intensa carga afetiva e elementos periféricos ao mesmo que com ele mantêm afinidade. Desta forma, surgem unidades vivas capazes de existência autônoma.

Aqui se inicia a expansão dos estudos com o olhar espiritual.

Após a nossa chegada ao plano espiritual e após o início da revisão do que existia em psicologia, começamos a tomar parte da existência de forças que vão além do entendimento racional do

indivíduo encarnado e que se relacionam com as questões psicológicas. Uma dessas forças nomeamos de cargas energéticas anexas, mas alguns também a chamam de bolhas de energia. E essas bolhas ou cargas estão diretamente relacionadas com os complexos.

Primeiramente, entendamos o que seja uma carga energética anexa. Para entender seu conceito é preciso considerar a reencarnação. Somente partindo desta premissa é possível compreender sua atuação.

Em toda existência física (encarnada) de determinado espírito imortal, inúmeras experiências são vivenciadas e com elas sentimentos, dores, alegrias e as mais diversas sensações são acompanhadas. Com isso, entendemos que todo indivíduo encarnado acumula sentimentos e sensações dentro de sua jornada física e tal conteúdo não é descartado após seu desencarne, visto que o espírito é imortal e, devido ao conteúdo emocional não ser físico como o corpo, fica registrado junto ao indivíduo.

Ora, são esses conteúdos justamente que são procurados e tratados por psicólogos e psiquiatras. São esses conteúdos que causam as patologias e compõem nossas bases de estudo. E sendo imortais, como o espírito, precisam ser tratados também após o desencarne. E se precisam ser tratados devem ser incluídos nas teses psicológicas.

No plano extrafísico já existem trabalhadores que desenvolvem projetos relacionados a psicologia espiritual, inclusive com trabalhos clínicos juntamente aos desencarnados que deles necessitam. O resultado é satisfatório, porém, em muitos casos, as patologias mais graves, mais profundas, por vezes não são passíveis de tratamento. Com isso, permanecem registradas (anexadas) no indivíduo.

Na ocasião de um novo encarne, por serem as patologias imortais, assim como o espírito, e ainda existirem anexadas a ele, o indivíduo as leva consigo em sua nova jornada física. Por essa razão, fica adormecida no inconsciente esperando o momento de se manifestar.

Como o Dr. Jung percebeu, os complexos são unidades vivas, assim como as cargas ou bolhas.

Uma bolha é um aglomerado de informações pretéritas carregadas de emoções fortes e intensamente significativas para o indivíduo, e nela estarão uma ou mais patologias.

Pode um indivíduo encarnado ter consigo diversas bolhas, cada uma relativa a determinada encarnação. Com isso, após nossos estudos, chegamos à conclusão de que o conceito de complexo precisava ser ampliado.

Dr. Jung dizia que o complexo tinha raízes na primeira infância e nos conflitos de qualquer idade, porém considerava apenas uma única existência. Contudo, consideramos que o complexo é a resultante do somatório das bolhas pretéritas associadas ao problema da atual encarnação. E como dito antes, o complexo possui o indivíduo, e não o contrário.

Significa dizer que aquele indivíduo que não resolveu todos os seus problemas nas diversas encarnações pretéritas e também não os resolveu em suas passagens pelo plano espiritual, e está encarnado, carrega consigo uma quantidade significativa de bolhas de acordo com suas vivências e, com isso, é possuído por um ou mais complexos.

Atualmente, quando tal indivíduo procura ajuda de um profissional da psicologia, será tratado. Porém, na maioria dos casos, com o conceito de complexo reduzido, o psicólogo apenas irá considerar a atual existência, de sorte que o tempo de tratamento será expandido significativamente, comprometendo sua eficácia.

Vejamos um exemplo para ilustrar o que dizemos:

Este é o caso de um indivíduo atualmente encarnado, ao menos até o momento da produção desta obra. O chamaremos de paciente 1.

O paciente 1, em sua última encarnação, foi pessoa do sexo masculino, de boa família, com boa criação e acesso aos estudos. Casou-se aos 25 anos e 2 anos depois, o casal já ganhava um filhinho.

O tempo passava e o paciente 1 apenas cumpria com suas obrigações como pai, esposo e filho, mas depois de alguns anos com um processo crescente de infelicidade, a qual não conseguia explicar nem conter, independente do que fizesse, o paciente 1 começou a ter sonhos eróticos estranhos. No início, não ligava importância aos fatos, mas, com a recorrência de tais sonhos, passou a se preocupar, pois que as imagens neles contidas o agradavam de um jeito que não sabia explicar, embora não desejasse que o agradassem, pois eram sonhos eróticos com outros homens.

Tentava conter-se, chegando ao ponto de trair sua esposa com outras mulheres apenas para provar para si mesmo que não havia nada de errado com ele. Mas seus esforços eram em vão. Os sonhos continuavam cada vez mais intensos. E despertando seu interesse. Porém, o paciente 1 lutava contra seus latentes desejos com toda força que pudesse empregar, até que buscou ajuda em um consultório de psicologia.

Após algumas sessões, o psicólogo logo detectou a questão. Segundo ele, a origem do problema estaria na primeira infância, quando o paciente 1 era extremamente ligado a sua mãe e seu

pai não conseguiu impor limites a esse comportamento. Tal situação fez com que estivesse muito mais ligado e interiorizando as características femininas da mãe, em detrimento das características do pai. Isso incluindo, obviamente, o objeto de desejo sexual da mãe, o homem. Este é o complexo de Édipo invertido.

No complexo de Édipo, o pai consegue impor limites ao filho, mesmo com a criação de alguma rivalidade inicial. Logo em seguida, o pai forte já consegue criar laços e levar o filho para seu lado, fazendo assim, com que a criança assimile suas características, incluindo preferências sexuais.

No complexo de Édipo invertido, a saída desta fase é, digamos, negativa, quando ocorre justamente o contrário do narrado acima. O pai fraco, passivo, de um lado, e uma mãe superprotetora de outro, fazem com que o filho não se desapegue da mãe e acabe por assimilar todas as suas características e preferências.

No tratamento do paciente 1, este início foi promissor, pois que, com a racionalização dos fatos esquecidos da infância, teve a oportunidade de vislumbrar os motivos de seus sonhos eróticos, que seriam contra sua vontade. E os sonhos logo terminaram. Mas foi por pouco tempo, pois em seguida retornaram e com maior força. O paciente 1 retornou ao tratamento, que havia abandonado por sua própria opção, mas seus desejos foram



maiores e esse processo culminou com a contratação de um garoto de programa para fins sexuais.

Na consulta seguinte ao fato, o paciente 1 relatou em síntese sua experiência ao psicólogo: “Foi a experiência sexual mais completa que tive em toda a minha vida. Se soubesse que seria assim, já teria feito há muito mais tempo”.

Algo além do fato deveria ter chamado a atenção do psicólogo, mas não ocorreu. O paciente 1 contratou alguém para realizar o ato sexual com ele. Houve um pagamento. E isso remete a situações de poder, controle da situação.

O psicólogo utilizou técnicas que conhecia e deu sequência nas sessões. Porém, o paciente 1, depois de poucos retornos, decidiu interromper novamente as consultas e intensificar seus encontros com outros homens. Enquanto existia pagamento, as experiências eram cada vez melhores. Mas, o paciente 1 acabou conhecendo outro homem com seu perfil e, pela primeira vez, submeteu-se a relações sexuais de maneira homossexual sem pagamento financeiro envolvido. Como era de se esperar, foi frustrante para o paciente 1. Totalmente diferente das outras vezes, nada satisfatório.

Em princípio, o paciente 1 não se incomodou, procurando novos homens que não precisasse pagar. Todos eles o decepcionaram. Portanto,

resolveu retornar aos garotos de programa, com isso a intensidade e a satisfação retornaram aos momentos de intimidade.

Depois de alguns anos, o paciente 1 terminou seu casamento, divorciando-se. Sua vida profissional ia bem, havia sido promovido e era, com isso, o novo chefe de seu departamento. Havia poder em seu trabalho e em suas relações sexuais pagas.

Anos depois, um revés aconteceu e perdeu seu emprego. Não conseguiu recolocação imediata, também devido ao avançar da idade, com isso, interrompeu as atividades sexuais pagas, entrando intenso processo depressivo. Em poucas semanas a depressão já havia se alastrado e o paciente 1 não conseguia resolver nada, não tendo forças ou vontade para nenhuma atividade ou para buscar alguma solução.

Com dívidas e sem acesso ao poder e ao homossexualismo que lhe trouxesse satisfação, buscou a única saída que encontrou no auge de sua depressão, o suicídio. Esta foi uma passagem do problema.

O paciente 1, como dito, está atualmente encarnado na Terra, o relato acima ilustra a passagem anterior à atual. Mas antes de abordá-la, retornemos um pouco mais nas encarnações.

Em determinado país do leste europeu, em certa época, o paciente 1 encarnou como mulher de origem pobre. Logo cedo perdeu seu pai, e sua mãe, muito doente, não podia mais trabalhar. Seus irmãos mais velhos haviam morrido em lutas, restando apenas ela e mais duas irmãs mais novas. Sem ter opção de trabalho que garantisse recursos para alimentação e custas com a saúde da mãe, o paciente 1 acabou voltando-se para a prostituição. Era um meio rápido e mais fácil de conseguir sustento, segundo imaginava.

Notem aqui uma relação de pagamento, mas oposta ao relato anterior. Aqui, o paciente 1 não tem o poder, o controle da situação, ao contrário, é pago para ser controlado, ser submisso em termos sexuais.

Esta foi sua rotina durante grande parte da vida, até que, doente, desencarnou de forma precoce.

Vejamos outra passagem encarnada. Um pouco depois da narrada acima.

O paciente 1 estava encarnado como homem, mas muito cedo, enquanto ainda tinha 4 anos, ficou órfão, sendo adotado por família rica, com muitos irmãos mais velhos que ele.

Sem se perder com muitos detalhes, em pouquíssimo tempo, cerca de 2 anos depois, o paciente 1 já era molestado sexualmente por seus

irmãos e por seu pai adotivo. Sua mãe, ciente da situação, era contrária ao que acontecia, mas nada podia fazer, no entanto, era no colo dela que conseguia consolo e afago.

Isso perdurou por sua infância e adolescência. Ao crescer, continuou com suas relações homossexuais, mas agora com seu consentimento. E chamado de pederasta pela sociedade, tornou-se um importante negociante no ramo de especiarias.

Cuidou de sua mãe até seu desencarne, mas abandonou o pai. Anos depois, ele próprio desencarnou.

Façamos uma breve análise. Na encarnação no leste europeu, foi mulher e se prostituiu. Posteriormente, foi criança violentada sexualmente, tornando-se homossexual quando adulto, mas com alteração na relação de poder. Antes, quando prostituta, era o lado submisso e pago. Depois, quando negociante, era quem detinha o poder e o controle. Porém, nos dois casos, apresentava descontrole sexual.

Aqui fazemos uma observação válida. Já é possível perceber a influência destas encarnações no primeiro relato, quando a encarnação culminou em suicídio. O complexo de poder, de Édipo e os distúrbios sexuais.

Com isso faço uma pergunta: como pode um psicoterapeuta tratar com eficiência um caso como este sem ter acesso a informações de encarnações pretéritas?

Retornemos ao caso. Obviamente existem outras passagens encarnatórias que se somam em relação às questões sexuais e de poder, mas julgamos não ser necessário o relato de todas elas para que o ponto principal seja abordado com eficiência.

Cada uma dessas encarnações possui carga energética, uma bolha. Tais bolhas são autônomas, com vida própria e podem influenciar na atual encarnação, ou mesmo influenciar no indivíduo que não estiver encarnado.

No caso do paciente 1, as diversas bolhas somadas, correspondentes a cada uma dessas encarnações, formaram os complexos apresentados no relato inicial, que culminou em suicídio.

Portanto, como já foi teoricamente apresentado, o complexo é o somatório das bolhas associada ao problema atual.

Percebam a complexidade e a dificuldade de tratamento.

Mas voltemos ao paciente 1. Agora iremos narrar seu tratamento no plano espiritual após o suicídio e sua atual encarnação.

Não iremos aqui narrar seus anos em regiões umbralinas porque entendemos não ser útil para as análises sobre nosso assunto. Portanto, após tal período com seu consequente resgate, primeiros socorros e tratamento, mais alguns anos somaram-se, somente em fase posterior a esta, com o paciente 1 tratado de suas chagas no perísprito e com liberdade para circular pela colônia onde se encontrava, foi sugerido a ele um tratamento psicológico, sob o nome de encontros semanais para debates interiores. Ele concordou.

Semanalmente, o paciente 1 encontrava-se com um psicólogo - que não carregava este título -, para conversar sobre suas encarnações passadas ou sobre o assunto que desejasse. Algo bem parecido com o que se faz em um consultório de psicólogo, porém o assunto abrangia outras existências, logicamente por se estar em regiões astrais e isso ser a realidade.

Durante o primeiro ano, o paciente 1 abordava apenas assuntos pertinentes a sua atual fase na colônia, suas dúvidas para o futuro e ainda sobre temas que nem lhe diziam respeito, passando longe de tópicos relacionados a suas vidas passadas, sem entrar em detalhes polêmicos ou profundos. O profissional da análise, conforme orientação da psicologia espiritual, não indicava caminhos ou temas, apenas conversava sobre o que era posto em pauta pelo paciente 1.

No entanto, não havia muito tempo mais para tanta paciência, pois que uma nova encarnação já era preparada. Com isso, o trabalho com o profissional da análise precisava apresentar algum resultado, caso contrário, as consequências deste trabalho infrutífero seriam visíveis na próxima encarnação. Todavia, a orientação profissional não podia ser quebrada induzindo o paciente a determinado tema ou assunto.

Com isso, foi a vez do mentor que cuidava do caso agir. Conversou com o paciente e abordou alguns tópicos tentando induzi-lo a dúvidas sobre os assuntos que precisava levar por conta própria ao tratamento, pois, se o profissional da análise não podia realizar tal indução, o mesmo não se aplicava ao mentor.

Estas induções duraram algumas semanas, até que o paciente 1 finalmente registrou dúvidas o suficientes para introduzir na pauta do tratamento as questões que efetivamente precisavam ser abordadas. Mas havia pouco tempo, menos de um ano em termos da Terra. Com isso, não houve como tratar de tudo como se esperaria, mas algo conseguiu ser feito.

A preocupação inicial foi com a questão moral por ser mulher e se prostituir, o que foi abordado. Porém, o profissional da análise perguntou o que ele ainda sentia sobre o fato de outras pessoas

gostarem tanto de sua companhia ao ponto de pagarem para ter acesso.

A bolha manifestou-se. A reação foi imediata. A presença da relação de poder era evidente e forte. O paciente 1, percebendo a euforia que tomou conta dele, tentou esconder-se através de expressões que minimizavam o fato, mas não havia como escapar da conversa mais aprofundada.

Com a permissão do paciente 1, através da conversa que fluía, o profissional da análise, habilmente, foi entrando neste território de poder e trabalhando suas bases.

Alguns meses foram especialmente dedicados à questão e, após esse período, o paciente 1 tinha consciência da influência destrutiva que o poder tem sobre cada indivíduo, seja ele o titular ou sujeito ao mesmo.

Foi o primeiro passo, mostrar como o poder pode ser nocivo. No entanto, não houve mais tempo para prosseguir o tratamento do complexo de poder e abordar as outras questões, pois o paciente 1 recebeu a orientação de se preparar integralmente para a sua próxima encarnação.

O paciente 1 está encarnado atualmente, conforme dissemos antes, ao menos enquanto estas linhas eram redigidas, e possui 20 anos de idade, sendo do sexo masculino. Nasceu em família



tradicional bem resolvida em termos psicológicos. Tem acesso à saúde e a educação. Estuda e iniciou recentemente sua vida profissional.

Tudo parece bem externamente, entretanto, seu íntimo guarda questões latentes sobre homossexualidade e assuntos mal resolvidos a cerca de questões que envolvem o poder.

A equipe espiritual que o auxilia, juntamente com seu guia espiritual tentam conduzi-lo a um tratamento psicológico, porém isso ainda não aconteceu.

O futuro quanto a manifestação dos complexos é incerto, mas a única certeza é de que eles ainda residem em sua inconsciência e esperam o momento propício de emergir.

Este caso, como podem perceber, ainda está sem solução, e foi intencionalmente exposto, pois que, desta forma, fica mais clara a dificuldade de tratamento.

Entendam que o tratamento psicológico utilizado em sua última encarnação foi inexpressivo, devido à abordagem rasa dos problemas, que não tinham origem naquela existência, e sim nas passadas.

Fica evidente que a questão dos complexos está interligada, não agindo sozinhos. Primeiro, o sexo

foi usado como ferramenta de subsistência, existindo a presença da relação de poder, que era acolhida de forma positiva. Posteriormente, ainda havia tal relação, mas de forma negativa, com os constantes estupros sofridos por indivíduos mais fortes, porém com o fator sexual ainda presente.

Isso tudo fez com que o sexo fosse mal administrado mentalmente. Quando encarnado na existência que culminou em suicídio havia intensa atividade mental sobre sexo e extrema confusão a respeito. O paciente 1 não sabia para que lado ir, até que o poder influenciou e decidiu.

Na oportunidade podia escolher a forma de se relacionar com o complexo de poder, de forma positiva ou negativa. Optou pelo que mais lhe agradava, a bolha da prostituta, que se sentia realizada por ter homens que pagavam para ter sexo com ela. Havia uma nítida relação de poder acontecendo. Portanto, juntou a bolha do homossexual com a bolha da prostituta, e os complexos surgiram. Como explicado anteriormente, narramos apenas as encarnações que culminaram nas principais bolhas, porém os complexos foram formados por mais de uma delas.

As bolhas, portanto, formam os complexos. E bolhas sobre os mais diversos assuntos e motivos podem se unir, entrelaçando-se para o surgimento de um ou mais complexos.

Enquanto a psicologia permanecer agarrada apenas às causas da existência atual, não conseguirá resolver os casos mais graves e profundos.

A solução é a pesquisa pretérita. Muitos profissionais já realizam a Terapia de Regressão, o que deveria ser utilizado como ferramenta de sondagem por todos os psicólogos antes de iniciar efetivamente o tratamento.

É tempo de deixar de lado os preconceitos e tabus e aceitar a realidade espiritual no trabalho psicológico como um todo, de forma científica, não apenas no íntimo, como fé religiosa.

É preciso, contudo, deixar claro que a base para os complexos, conforme nos ensina o Dr. Jung, continua sendo os arquétipos.

Os arquétipos são os alicerces da vida psíquica comuns a todos os indivíduos. Significa dizer que, por trás de determinado complexo, reside um arquétipo.

Todo arquétipo tem seu lado maduro e imaturo, o lado sombra.

O complexo de poder, por exemplo, pode também residir na base de um arquétipo de Rei, porém no lado sombra, imaturo. Sendo mais

desenvolvido, pode ser um tirano, quando em menor escala de evolução, um covarde.

Aquele indivíduo que possui um complexo de poder e ocupa posição de chefia, maltratando seus subordinados, ou exercendo a função como um ditador, certamente não está amadurecido em seu arquétipo de Rei, sendo um tirano, pois desenvolve ativamente seu lado sombra.

Todavia, aquele que ocupa a mesma posição de chefia, mas tem receio de cobrar desempenho de seus funcionários, chegando a transmitir insegurança, certamente também não está amadurecido em seu arquétipo de Rei, e como não desenvolve passivamente o lado sombra deste arquétipo, está demonstrando o covarde.

Como o arquétipo está em todos os indivíduos, certamente também fica registrado após o desencarne e na forma como era exteriorizado, o que afeta a formação das bolhas e dos consequentes complexos.

Voltemos ao paciente 1. Quando encarnado como mulher que se prostituía, apreciava o fascínio que os homens nutriam por ela, gostava, portanto, do poder que exercia sobre eles; no entanto, eles como eram quem pagavam, de certa forma também detinham o poder. Com efeito, o paciente 1 exercia o tirano, não utilizando seu arquétipo de Rei corretamente, forçando um pagamento para que,

enquanto mulher, fosse apreciada. O arquétipo imaturo do tirano acompanhou o espírito, auxiliou na formação da bolha e na composição do complexo de poder posterior. No entanto, na encarnação seguinte, quando fora adotado e violentado ainda criança por seu pai e irmãos adotivos, exercia, sem ter como conter, o arquétipo do menino, mais precisamente do príncipe covarde que encontrava consolo no colo da mãe, a presença protetora. Quando cresceu, desenvolvendo o homossexualismo e sendo homem de negócios, exerceu o lado sombra ativo do arquétipo do Rei, novamente sendo tirano, compondo uma nova bolha e um futuro complexo.

Tudo isso culminou na encarnação que terminou em suicídio, quando novamente o tirano entrava em ação através da prostituição. Contudo, o paciente 1 é quem detinha o poder total, através do pagamento, o que fez com que seu lado sombra se desenvolvesse ainda mais.

O fato de o paciente 1 estar exercendo suas sombras, bolhas e complexos não deixa de ter um lado positivo, pois que isso significa proximidade com um tratamento eficaz, porquanto armazenar os problemas no inconsciente permitindo que fiquem adormecidos é, sem dúvida, adiar a solução.

Evidentemente que apenas exercer os problemas não significa solução, mas a tendência é que, em algum momento, em algum ponto no futuro,

mesmo que em outra encarnação posterior, ou mesmo no astral, o indivíduo se conscientize de seus problemas e busque ajuda para solucioná-los.

Voltando ao paciente 1, é possível perceber a influência da encarnação onde foi adotado na formação do complexo de Édipo presente na encarnação onde se suicidou, pois que seu lugar seguro era o colo do mãe. E o fato do perigo ser a violência sexual influenciou no homossexualismo posterior e na vida que culminou em suicídio.

No caso do paciente 1 ainda existe outro arquétipo principal, o arquétipo do Amante. Este mostrou força principalmente na encarnação que terminou em suicídio, pois quando criança, exerceu a criança edipiana e, na vida adulta, exerceu a sombra como amante viciado. Todos os comportamentos do paciente 1 são exercidos pelo lado ativo da sombra. O tratamento eficaz resulta em conduzi-lo ao exercício dos arquétipos, na plenitude da forma.

Os problemas se entrelaçam. Todos os arquétipos convivem e dialogam entre si, formando bolhas e consequentes complexos. É preciso destacar que os problemas que o paciente 1 enfrenta atualmente têm origem nas diversas encarnações passadas, de sorte que, o tratamento precisa abranger além das causas da primeira infância.

Novamente citamos a importância da Terapia de Regressão como instrumento de sondagem antes do início de qualquer tratamento. Mas, para isso, é preciso se desprender dos preconceitos e aceitar as questões espirituais de forma científica e acadêmica.

## Capítulo 2 – A Libido

Neste capítulo, abordaremos outro tema bastante difundido, muitas vezes polêmico e normalmente incompreendido: trata-se da libido.

Vulgarmente, libido é um termo usado para expressar vontade sexual, o que, dentro dos princípios psicanalíticos, não corresponde à verdade. Entendemos o termo libido, dentro da temática sexual, como uma subexpressão derivada da linguagem coloquial. Portanto, quando o assunto for estritamente de cunho sexual, a palavra libido absorve significado específico e diferente do original, compreendendo apenas vontade sexual.

Reforçamos que esta significação é uma adaptação da linguagem. Isto é importante frisar, pois que a libido envolve também as questões sexuais, mas não exclusivamente.

Dr. Freud, inicialmente, tratou da libido como um impulso para a preservação da espécie humana, porém, também utilizava a expressão para explicar vontade ou desejo sexual. Presumimos que os leitores estejam familiarizados com o fato de que os estudos produzidos pelo Dr. Freud eram baseados no sexo e em suas manifestações, razão pela qual, tudo o que publicou tinha tal conotação.



No entanto, Dr. Jung, ao analisar a questão da libido com maior isenção quanto ao sexo, entendeu que a mesma consiste em energia psíquica do homem, cuja ausência pode provocar inércia, depressão e até mesmo a morte do corpo físico, em situações extremas.

Tendo isto exposto, podemos nos aprofundar na questão. Libido é uma energia que todo ser possui, seja encarnado ou desencarnado. No caso dos encarnados, a libido é a força motriz para a execução das diversas tarefas do cotidiano. É ela quem impulsiona o homem a comer, andar, falar e até mesmo a praticar a atividade sexual.

Mas precisamos nos afastar da ideia de libido estritamente ligada ao sexo, pois, como podemos constatar, sem libido uma criança não engatinha e aprende a andar, não desenvolve a fala ou realiza as tarefas mais básicas do organismo humano. Por isso, entendemos a libido como uma força motriz.

Todos os encarnados têm fome e sede. Quando sentem fome, comem. Quando sentem sede, bebem água. E fazendo isto, saciam-se temporariamente. O que causa a sensação de fome, a procura por alimento, a alimentação propriamente dita e a consequente saciedade é a libido. Podemos dizer que libido é a força que move o homem e sem ela

não haveria evolução da espécie ou mesmo a sua sobrevivência.

Mas a libido esbarra no problema da repetição. Isto porque toda vez que um desejo ou vontade, como a fome, é saciado, passado certo período de tempo, variando para cada indivíduo, a vontade novamente aparece, a procura por alimento retorna, o homem se alimenta e sacia-se, e o processo acontece novamente. É uma roda sem fim, até o ponto do desencarne.

Esta roda é um processo que se inicia com a vontade, passa pela procura da obtenção do objeto, continua com o consumo de tal elemento e culmina na saciedade, o que gera prazer através das químicas liberadas pelo cérebro. Porém, o mesmo processo pode culminar em dor, quando a tentativa de consumir o elemento desejado é frustrada. Os encarnados passam suas vidas em diversas rodas que culminam em prazer e dor. E assim não evoluem como ser, pois que a evolução espiritual está, primeiramente, em sair da roda, de todas as rodas, pois que as rodas nada mais são que ilusões que o mundo produz.

As rodas provocam ainda, a ilusão de movimentação própria. Aquele que está na roda possui a sensação de estar em movimento, na

direção de algo ou de algum lugar, mas esta ideia é falsa, pois que a roda é um movimento cíclico estagnado no mesmo ponto, necessitando sempre de novas descargas químicas de efeito temporário para ganhar sobrevida.

Os povos orientais, em particular o povo indiano, trouxeram ao mundo a ideia de Maya, a ilusão cósmica. Este conceito diz que tudo no mundo é Maya, isto é, todo o universo material não passa de ilusão. E que Maya seria um bloqueio, talvez o mais forte, para que os homens vencessem o desapego sensorial e alcançassem a verdadeira evolução.

Todas as rodas que a libido impulsiona o homem a entrar não passam de Maya. Isso significa que toda a movimentação, que parece ser própria, é igualmente ilusória; que todas as conquistas não passam de mera ilusão; e que todos os desejos de enveredar por tais aventuras, sejam elas quais forem, nada valem para a grande jornada do espírito imortal, pois seu formato é baseado em Maya, a ilusão cósmica. E são para essas rodas que a libido impulsiona o homem.

Todavia, dissemos que a libido também está nos desencarnados. Certamente as rodas não terminam com o fim do corpo físico. Muitas vezes, o

desencarnado, logo após o desenlace, ainda procura saciar-se com elementos da matéria, como se ainda fosse possível. Inclusive, é normal que os espíritos desencarnados sofram para se adaptar às novas situações, nas quais não necessitam mais de alimento material, porém mentalmente ainda buscam. É a libido ainda atuando, por ser ela uma força mental, fazendo com que o espírito desencarnado, ciente ou não do desenlace, procure a saciedade como antes.

No entanto, o fato preponderante em todo este processo é que esta força é utilizada pelos encarnados como recurso para obtenção de matéria; somente este lado é visado quando a libido é posta em prática.

Expusemos o que são as rodas, e como a libido impulsiona o homem a manter-se preso a elas. Dissemos também que tais rodas tratam de questões materiais, ilusões forjadas pelo mundo. Com todas estas exposições, percebemos a saída de tais rodas como uma atitude positiva. Mas de que maneira?

Neste ponto é que introduzimos o desdobramento da libido, que somente é possível considerando as questões espirituais. A chamaremos de libido espiritual. É ela a

responsável por esse desejo que todo ser possui, em maior ou menor grau, de ascender ao Pai. O processo é o mesmo, mas com algumas diferenças.

É verdade que todos os seres possuem libido espiritual em menor quantidade que a libido, mas, com o passar das encarnações, e com evolução espiritual, existe a transformação gradual de quantidades de libido em libido espiritual.

Portanto, a saída das rodas de Maya é feita de forma contínua, com a transformação da libido em libido espiritual, e isso é realizado com a troca de interesses do indivíduo.

Como visto, a libido é a força que impulsiona e faz o indivíduo agir dentro de suas necessidades. É a vontade em ação, mas uma vontade fora de seu controle. É certo que há indivíduos que controlam suas vontades, como a fome, por exemplo, mas são exceções e não regra.

A libido espiritual trata do emprego desta vontade, porém em torno de direcionamentos que o próprio indivíduo propõe e que precisa para evoluir como ser. E quando empregada, a libido espiritual é um poderoso móvel de evolução.

Significa dizer que, enquanto os interesses do homem forem de fundo material ou para

subsistência orgânica apenas, ele ainda estará usando a libido para atuar nas infinitas rodas que o mundo oferece.

Para sair da roda de Maya é preciso iniciar a transformação gradual da libido em libido espiritual, de forma a aumentar a quantidade que já possui desta valiosa energia. Para iniciar tal transformação é preciso, conforme dito acima, substituir os interesses, e como a libido atua nos interesses materiais, os novos focos de atenção precisam ser de fundo espiritual, visando à elevação como ser.

Isso se dá através do amor, do compartilhar genuíno, do perdão sincero, do desapego de forma geral e, especialmente, do desapego aos bens materiais, portanto, transitórios. Este é o ponto. A transitoriedade dos bens que a libido proporciona.

Quando o ser se reconhece como espírito imortal, ter apego a bens transitórios não faz mais sentido, pois que não redundam em evolução, visto que não serão levados após a morte do corpo físico, igualmente transitório.

Com isso, a atenção do ser se volta para elementos que possam lhe garantir real progresso na senda espiritual, uma vez que tais elementos são imortais, como ele. E elementos imortais não são

palpáveis. São sentimentos, emoções, aquisições morais e intelectuais.

Neste ponto, o amor, o compartilhar genuíno, o perdão sincero e o desapego material, como elencado acima, deixam o ar piegas de lado e assumem essência valorosa na elevação, isto porque sua aquisição torna-se racionalmente necessária, não mais sendo apenas uma simples orientação doutrinária, muitas vezes vista como hipócrita por alguns.

Isto significa que quando o ser passa a perceber que necessita vivenciar o amor, tal sentimento deixa de ser algo opcional e assume posição de prioridade na lista de aquisições para a elevação.

Em tal ponto, mesmo girando em algumas rodas de Maya, e com a libido ainda em alta, o ser inicia o processo de busca evolutiva, sem retrocesso. Porém, já começa a se desinteressar dos antigos objetos de busca, transitórios e materiais, voltando seus focos de atenção para a aquisição de sentimentos imortais, que o farão caminhar verdadeiramente.

Como dito acima, de forma resumida, a libido espiritual é usada para a busca proposta pelo indivíduo, e não, como faz a libido, para a busca proposta pelo instinto de preservação, pelas

necessidades orgânicas e por interesses momentâneos.

O ser passa a não mais estar governado por forças alheias a sua vontade, transformando-se em veículo movido por seus próprios interesses, pois que os mesmos são permanentes.

E tal movimentação, como se dá?

Falamos que a libido impulsiona o ser a andar em círculos, atuando em rodas, oferecendo a ilusão de movimentação própria e conseqüente evolução. Mas o ser atuante nas rodas de Maya não sai do lugar, e para sair é preciso caminhar. Mas para onde?

Quando falamos que o homem está na roda, significa dizer que anda em círculos. Como tal atitude não impulsiona o ser, e a evolução é caminhar, a lógica diz que o movimento precisa ser para frente, linear, e não cíclico. Isso é o que a atual lógica diz.

Percebam que estar na roda de Maya é um engessamento do ser, uma forma condicionada de agir. Ora, andar de maneira linear não deixa também de ser um engessamento, pois que a linearidade do movimento é a condição primordial.



Evidente que, enquanto o ser inicia tais descobertas, e ainda atua em algumas rodas de Maya, a linearidade, mesmo não sendo a melhor forma de movimentar-se, não deixa de ser um caminhar.

Todavia, o próximo passo além da linearidade de movimentos, para os espíritos atualmente ligados ao planeta Terra é a movimentação quântica.

Primeiramente, temos de alertar que iremos entrar em outro campo de estudo científico, talvez em mais de um; no entanto, isto será importante para a melhor compreensão do foco de nossos estudos. Todavia, por razões diversas, não iremos nos aprofundar em alguns detalhes, por serem estes fatos mais distantes de nosso assunto principal, a libido espiritual. Contudo, a explicação de diversos processos, sob as luzes da ciência, poderá facilitar o entendimento deste desdobramento psicológico da libido explicada pelo Dr. Jung.

A movimentação quântica é feita em saltos, chamados de saltos quânticos. Tais saltos ocorrem quando determinada partícula é acrescida de energia, acelerando o movimento dos elétrons e fazendo com que estes se afastem do núcleo. É

justamente esse afastamento que é realizado em saltos.

Quando os elétrons retornam a suas posições originais, o estado fundamental, desde que não haja desprendimento do átomo, existe a liberação da energia utilizada para a execução do salto. Tal liberação ocorre em forma de fóton, o que ocasiona uma emissão de luz.

Dada esta explicação inicial, poderemos traçar alguns paralelos.

Existem elétrons em toda parte, inclusive em todos nós, encarnados ou não, uma vez que os elétrons compõem diversos corpos além do físico. Portanto, acontece dentro de todos nós o processo de excitação de elétrons explicado acima.

A excitação do elétron se dá através de um fóton original. Fóton é luz, pois sabemos que a luz é composta por minúsculas partículas elementares, chamadas de fótons.

Significa dizer que a luz excita o que há em nós, fornecendo-nos energia e impulsionando-nos ao movimento acelerado, afastando-nos de nosso estado fundamental, em saltos. Porém, ao retornar à posição original, existe ainda uma luz, a mesma que nos impulsionou, que é liberada.

Percebam o sentido da palavra “luz”, comumente usada, desde os primórdios das civilizações, para expressar o Divino, o Celeste. É normal deparar-se com expressões, como: buscar a Luz; dirigir-se à Luz; caminhar para a Luz.

Desejamos, com este paralelo, afirmar que não é por simples acaso que nossas civilizações, desde sempre, chamam Luz desta maneira. Através da luz, composta por fótons, traçamos o paralelo para Luz Divina, uma evidente metáfora, mas que explica o que acontece dentro de nós na busca por Deus.

Narramos de forma resumida como a física e a química explicam o processo de excitação de elétrons. Agora, a partir de tal explicação, traçaremos paralelos unindo elementos espirituais para explicar a movimentação quântica, e não a circular realizada pela roda de Maya.

O fóton excita o elétron, ou seja, algo externo a nós - de origem sublime, boa e verdadeira - nos toca o sentimento, fornecendo-nos energia, através da aceleração que provoca, nos afastando do núcleo, o estado fundamental, simbolizado pelo egoísmo, preguiça, orgulho, vaidade, e todos os possíveis vícios.

Mas isso tem um prazo de validade, porque ainda não alteramos quem somos nós; com isso, retornamos ao estado original, aos vícios, mas esta subida e descida foi feita através da energia da luz, que é liberada em seguida, ou seja, liberada ao mundo, ao próximo, compartilhada genuinamente com nossos irmãos, com aqueles que estiverem dentro do raio de ação da expansão da energia liberada.

Notem que ainda estamos vivenciando as rodas de Maya, mas já realizamos avanços em busca da luz.

Fóton também poderia ser “pensamento positivo”, “energia positiva” ou simples energia emocional. Desta forma, é possível explicar a razão pela qual as vidas encarnadas têm altos e baixos, através das subidas e descidas dos elétrons ocasionadas pela ação dos fótons.

Se um fóton é pensamento ou energia emocional e afeta elétrons a ponto de mudá-los de nível, podemos dizer que essa “luz positiva” é capaz de transformar nossas vidas, impulsionando-nos ao movimento acelerado, estando o ser encarnado ou desencarnado.

Toda vez que conseguimos mover elétrons para estados mais altos - e entendam estados mais altos

como cada vez mais próximo de Deus - temos maior probabilidade de mudança definitiva em nossas existências, se houver perseverança. Pois que, além de afetar outros que estão a nossa volta ao final do processo com a liberação fotônica, ou da Luz que nos impulsionou ao movimento, também estaremos cada vez mais adaptados a todo processo, nos familiarizando com a energia que nos impulsiona e depois liberamos.

Portanto, o compartilhamento genuíno do qual tratamos mais acima também perde o aspecto piegas, através da explicação e exposição de argumentos que justifiquem sua eficácia. Isso porque, quando há a liberação de energia, esta sai do ponto de origem - cada ser - em formato de onda, alastrando-se de acordo com a intensidade de sua saída - liberação - ou de acordo com o gesto feito, e irá influenciar quem estiver em seu caminho, retornando ao ponto de origem com as respostas do que encontrou. É a Lei do Retorno.

Como colhemos o que plantamos, recebemos de volta o que emitimos, porém em maior quantidade. Nossos ancestrais estavam certos quando diziam que Deus dá em dobro nossas ações. Portanto, nossas mentes entendem que o compartilhar genuíno é bom, uma vez que recebemos mais do que doamos, de sorte que a evolução torna-se mais

próxima. Logo, o que recebemos irá influenciar-nos para novos gestos, assim como o fóton influencia o elétron com posterior liberação da energia que, por sua vez, dará continuidade ao processo influenciando novos elétrons, neste caso, outros seres.

Com tudo isto exposto, podemos dizer que mudanças de paradigmas, de visão de vida, da forma de perceber e entender a existência provocam evolução, desde que as atitudes tenham sequência.

As escolhas na vida têm relação com as ligações neurônicas do cérebro. As explicações que irão se seguir têm base para encarnados, porém existem associações similares que explicam o mesmo processo para os desencarnados.

As ligações neurônicas começam a se formar muito cedo, na infância, por escolhas próprias ou por influências do meio ao qual estiver associado. Com isso, em determinado momento, quando o indivíduo deseja realizar algo que ainda não fez e não faz parte de suas sinapses mentais, é necessário realizar novas ligações neurônicas, o que não é fácil, pois que estará preso àquelas emoções que as atuais proporcionam, como um vício. Com isso, o cérebro envia comandos de negação, afirmando que

não é possível realizar, na tentativa de evitar que o vício nas antigas emoções seja largado.

Neste ponto, é preciso esforço para fazer novas ligações neurônicas, o que ocorre aos poucos, com pequenas e contínuas atitudes. Com isso, o hipotálamo, localizado no cérebro, inicia a produção de aminoácidos compatíveis com as células receptoras do indivíduo, células estas que têm relação com os novos objetivos.

Quanto mais longo for este processo, mais células associadas às novas atividades existirão e mais aminoácidos compatíveis o hipotálamo criará. Desta forma, com o tempo, novas ligações neurônicas surgirão, proporcionando novas emoções e perspectivas de vida.

Então, podemos dizer que se quisermos vencer o desapego, conseguiremos. Se quisermos amar ao próximo como a nós mesmos, igualmente conseguiremos. Basta para isso, vencer os antigos hábitos e vícios, substituindo-os por novos hábitos, através do exercício da libido espiritual.

Percebam que a libido proporciona avanço aos vícios, em contrapartida, a libido espiritual proporciona avanço para vencer esses mesmos vícios e os substitui-los por novos interesses que possibilitam evolução espiritual.

Retornando à movimentação quântica, percebemos que os elétrons que estão mais próximos ao núcleo - os vícios - necessitam de maior energia para realizar os saltos quânticos a outras camadas na direção de Deus, e os fótons liberados saem com ondas mais curtas, ou seja, quanto mais o ser estiver apegado aos vícios, menor será sua influência nos outros e menor Luz receberá de volta. Por outro lado, os elétrons mais afastados do núcleo necessitam de pouca energia para dar os saltos, porém suas ondas são mais longas, o que beneficiará mais seres, incluindo ele próprio, na ocasião do retorno da onda.

A quantidade de energia necessária para os saltos é inversamente proporcional à distância do núcleo, pois, quanto mais distante do vício, mais próximo estará de Deus, e isso faz com que boas ações sejam rotineiras, não precisando de muito esforço para acontecer.

Entendemos, portanto, que o ser precisa superar seus vícios para sair da roda de Maya e iniciar uma nova forma de movimentação, com uma mudança gradual.

Em um ser consciente a movimentação se realiza através do processo criativo, de novos



pensamentos, que o impulsionam para a evolução. Isso se dá pela excitação que os fótons geram.

Para ilustrar, imagine o movimento circular... Fácil. Depois, imagine o linear... Igualmente fácil.

O circular não faz com que o objeto - o ser - saia do mesmo lugar, voltando sempre ao ponto de partida. Já o linear impulsiona o objeto - o ser - em determinada direção, afastando-se continuamente do ponto de partida.

A toda evidência, as duas movimentações estão condicionadas. A primeira é condicionada a não sair do lugar; a segunda é condicionada em determinada direção.

Como nosso irmão Ramatís explicou em seu livro “Induções Espirituais”, todo condicionamento é uma forma de engessar o ser a determinados códigos. Portanto, mesmo a movimentação linear, apesar de impulsionar o ser para longe do ponto de partida, também está condicionada a códigos.

A movimentação quântica está isenta de codificação, pois não há movimento, espaço e lugar predeterminados. Há o todo. Há possibilidades.

A libido espiritual possibilita avançar nas ondas quânticas, o que por sua vez, permite real evolução a caminho da Luz, a caminho do Pai.

É importante saber, que a movimentação quântica, além dos saltos, se dá também por possibilidades, chamadas quânticas.

Para tudo o que existe ou é observado, segundo a física quântica, há possibilidades que não se cumpriram. Por exemplo, determinado indivíduo tem um desejo de assinar certo contrato de trabalho, mas isto ainda não ocorreu. Porém, ele se esforça e faz mentalizações buscando que tal momento, existente apenas em sua mente, seja real também fora dela. Isso faz com que as ondas de possibilidades já estejam em ação. São elas: assinar; não assinar; assinar com algumas diferenças contratuais; e ainda não assinar devido a tais diferenças. Nenhuma delas ainda foi observada externamente, portanto, todas elas existem e não existem ao mesmo tempo. Todas tem a mesma probabilidade de acontecer.

Contudo, quando apenas uma delas é observada, torna-se real. Mas até o momento exato da observação, ninguém poderia dizer qual delas corresponderia à realidade, pois que todas eram reais e virtuais ao mesmo tempo, ou seja, possíveis.

Neste exemplo, podemos perceber a relação com o princípio da incerteza de Heisenberg e certa similaridade com o experimento do gato de Schrödinger.

Não entraremos em detalhes sobre tais princípios da física quântica para não fugir muito ao assunto, mas os leitores podem efetuar rápidas pesquisas e conseguirão com facilidade constatar tais afirmativas.

O ponto principal é dizer que a movimentação quântica se dá em várias e incertas direções, muito diferente do movimento linear, cuja previsibilidade está condicionada, ao passo que na movimentação quântica não existem condições, e sim probabilidades e possibilidades diversas, em qualquer direção.

No entanto, o que determina que uma possibilidade se torne realidade? O olhar do observador. Isto porque o observador é real e seu olhar traduz sua escolha, tornando o que era virtual em realidade.

O mais importante é que todas as possibilidades residem na mente do ser. É por isso que todos os pensamentos dos encarnados são percebidos como verdade pelo cérebro; o mesmo se dá com os desencarnados, de maneira similar.

Significa dizer que todas as possibilidades estão vivas na mente, sendo reais e virtuais ao mesmo tempo. A atividade externa é o próximo passo. Pequenas atitudes em sequencia iniciam o processo de transformação da possibilidade em realidade. E, neste ponto, é que a libido espiritual atua, como explicado anteriormente.

Portanto, quero encerrar o capítulo com uma indagação: afinal, o quê é real?

## Capítulo 3 – O Inconsciente Coletivo

O tema deste capítulo atualmente ainda é motivo de controvérsias, visto que não são todas as correntes psicológicas que aceitam a proposta do Dr. Jung de inconsciente coletivo. E mesmo aqueles que a incorporam em seus trabalhos, eventualmente discordam sobre sua profundidade e abrangência.

Neste sentido, tentaremos resumir o máximo possível, já que nossa prioridade é exatamente discorrer sobre esta profundidade e abrangência. Portanto, sobre o conceito de inconsciente coletivo, deixado pelo Dr. Jung, iremos nos ater aos fundamentos mais acessíveis a todos.

Imagine um elemento rodeando a todos, encarnados e desencarnados, em qualquer lugar, no plano físico ou no astral, em todas as suas camadas. Depois imagine que todas as informações obtidas pela humanidade, desde seus primórdios, esteja contida neste elemento e acessível a qualquer um que a ele consiga se conectar.

Porém, existem níveis de dificuldade para tal conexão. Quanto mais profundas forem as

camadas, mais difícil será o acesso, todavia, ainda assim, possíveis de terem seus registros verificados.

Cada ser divino possui uma espécie de antena capaz de realizar tal conexão. E acessando estes registros, pode, sem perceber, ter as mesmas ideias que outro ser em outro ponto do planeta. E ainda mais, pode reagir a estímulos de forma análoga que seus ancestrais, mesmo que nunca tenha estudado sobre isso.

Tentamos, de forma alegórica e simples, para facilitar o entendimento de todos, mesmo aqueles que não sejam profissionais ou estudantes de psicologia, explicar o conceito de inconsciente coletivo, segundo Jung.

Em face do exposto, poderemos avançar um pouco mais sobre este conceito. O inconsciente coletivo é uma herança antropológica, o que possibilita a alguém, vivendo no mundo de hoje, reagir a um estímulo de maneira análoga a outro que existiu há milhares de anos atrás.

O inconsciente coletivo faz parte de todos, assim como os órgãos vitais do corpo físico, sendo que, como explicado acima, mesmo os desencarnados possuem a capacidade de acessá-lo.

Segundo o Dr. Jung, o inconsciente coletivo corresponde às camadas mais profundas do inconsciente, indo portanto, muito além do inconsciente pessoal, também inerente a todos os seres divinos.

Em síntese, podemos dizer que o conteúdo do inconsciente pessoal é formado por experiências próprias, enquanto que o inconsciente coletivo abrange conteúdos impessoais, comuns, portanto, a todos os seres e transmitidos por herança antropológica.

Outro ponto básico a ser abordado sobre a teoria do inconsciente coletivo consiste no conceito de arquétipo. Este não pode e não deve ser confundido com imagens arquetípicas. Por exemplo, toda menina é possuidora do arquétipo da mãe, da vontade inata de cuidar, ser zelosa e procriar. Porém, através de sonhos, especialmente, ou mesmo através de histórias que possa criar, visto que os arquétipos são possíveis de serem localizados em mitos e contos de fadas, as imagens arquetípicas se manifestam.

Quando uma menina sonha que uma mulher mais alta, bonita e com aspecto luminoso lhe entregou um manto azul e sorriu para ela, está aí uma imagem arquetípica correspondente ao

arquétipo da mãe. A mulher é a Grande Mãe e o manto azul simboliza a Virgem Maria, a mãe das mães na religião Católica, e tudo isto simboliza a entrega da fertilidade e zelo para a menina.

É importante ressaltar que o conceito de inconsciente coletivo estabelecido pelo Dr. Jung, segundo nossas pesquisas de além-túmulo, carece de complementação. Não queremos dizer com isso que tal conceito esteja equivocado, mas enfatizar a necessidade de aumentar sua abrangência.

No capítulo anterior falamos sobre a libido e a libido espiritual, sendo esta a correspondente astral da primeira. No caso do inconsciente coletivo não há desdobramento espiritual, mas a complementação de seu conceito abrangendo as questões do espírito e suas decorrências.

No inconsciente coletivo estão informações capazes de serem acessadas por qualquer homem, desde que faça a conexão correta. E muitas vezes, ou quase sempre, tal acesso se dá de forma inconsciente, fazendo apenas com que o indivíduo reaja de forma similar a seus ancestrais.

O inconsciente coletivo diz que se alguém possui determinado medo ou fobia, significa dizer que tal sintoma esteve presente em ancestrais, não necessariamente de sua linha genética, uma vez que



a abrangência do inconsciente coletivo é a humanidade inteira.

O clássico exemplo que os Junguianos gostam de apresentar é o medo de cobras, admitindo que tal fobia possa ser transmitida pelo inconsciente coletivo. Ou seja, mesmo que o indivíduo nunca tenha tido contato com cobras na atual existência, poderá ficar aterrorizado ao se deparar com uma desde a primeira vez, pelo simples fato de que este pavor deriva do inconsciente coletivo.

A explicação para isto é que, sem ter contato anterior, a reação de pânico não constava no inconsciente pessoal, ou seja, não era uma informação reprimida pelo indivíduo, e sim herdada antropológicamente.

E neste ponto fazemos a primeira observação pertinente. O conceito de inconsciente coletivo apenas abrange a existência atual do indivíduo, o que explica que determinada reação, quando desprovida de experiência anterior, deverá ser necessariamente resultado de herança antropológica.

Contudo, inserindo o elemento espiritual no conceito, poderemos ter novas explicações.

Utilizando-se do mesmo exemplo clássico, porém adicionando o elemento espiritual, começamos a considerar uma variável importantíssima: a reencarnação. Com ela, podemos tecer que o medo de cobras pode ter surgido, não da herança antropológica, mas sim de suas próprias experiências em vidas passadas.

Os registros emocionais do contato com cobras, em existência pretérita, ficam gravados no espírito e podem emergir de forma inconsciente na experiência atual, não sendo fruto do inconsciente pessoal - visto que manteremos seu conceito restrito a experiências próprias dentro da mesma existência. Por outro lado, iremos dilatar apenas a abrangência do inconsciente coletivo para todas as existências do espírito.

Como o próprio Dr. Jung definiu, o inconsciente coletivo está nas camadas mais profundas da psique humana. Portanto, acessar suas informações é mais trabalhoso, mesmo que derivadas de experiências próprias decorrentes de vidas passadas. E tais informações se mantêm no inconsciente coletivo, pois que podem ser acessadas por qualquer pessoa, mesmo sendo uma experiência individual. Isso não se altera.

Com essa informação já podemos perceber a influência do espírito imortal no conceito de inconsciente coletivo.

Para frisar bem, podemos dizer que o medo de cobras pode vir de uma experiência anterior em uma vida pretérita própria, e não apenas de uma experiência alheia anterior. E como essa informação não era consciente e não havia registros na existência atual, a solução encontrada foi inserir o conceito de inconsciente coletivo. Mas para aumentar a abrangência de tal conceito, falaremos também sobre o inconsciente coletivo astral e suas implicações.

Tal conceito abrange o inconsciente coletivo, inserindo ainda a temática espiritual, o que amplia consideravelmente suas explicações.

Em princípio, algumas dúvidas podem surgir, inclusive em tecer diferenças entre o inconsciente coletivo e o astral. Não há diferenças. A teoria do Dr. Jung está correta, porém incompleta sem o conteúdo espiritual. Portanto, o inconsciente coletivo astral é a teoria do Dr. Jung somada ao contexto espiritual.

Dito isto, falaremos especificamente do inconsciente coletivo somado ao espírito, o inconsciente coletivo astral.

Nosso irmão Ramatís, em sua obra “Induções Espirituais”, fez referência a nosso trabalho ao delinear o conceito de inconsciente coletivo astral. Naquele momento, Ramatís salientou que o inconsciente coletivo teorizado pelo Dr. Jung movia-se no tempo de forma linear e de acordo com herança antropológica, ao contrário do inconsciente coletivo astral, que se move no tempo em todas as direções.

O leitor pode perceber alguma diferença, mas não há; esta percepção se dá pela ausência do elemento espiritual na teoria do Dr. Jung. Quando adicionamos o contexto do espírito, conseqüentemente falamos de reencarnação, que permite o inconsciente coletivo movimentar-se no tempo em todas as direções, como uma teia. Sem sua presença, a mobilidade para alcançar informações fica limitada, uma vez que estas precisam ser percebidas através das experiências alheias.

O que de fato ocorre e poucos sabem - e aqueles que sabem não dizem por receio da exposição - é que no conceito de inconsciente coletivo, teorizado pelo Dr. Jung, somos capazes de captar informações de forma mais precisa através da linhagem genética, bolsões energéticos e egrégoras de força através de interesses e predisposições. Este

fato explica o motivo pelo qual o inconsciente coletivo movimenta-se no tempo de forma linear, pois segue a trilha genética. No entanto, conseguimos captar informações de toda a humanidade, embora na realidade, isso seja mais difícil, porquanto em 97% dos casos a movimentação se dá através da linearidade genética.

Quando adicionado o contexto espiritual, a movimentação do inconsciente coletivo torna-se múltipla, em diversas direções, como uma teia, isto porque a reencarnação permite acesso a linhas genéticas diferentes das da atual existência, porém sendo fruto das próprias experiências em vidas anteriores. E como explicado acima, não faz parte do inconsciente pessoal, uma vez que deixaremos esta teoria apenas com as informações obtidas no decorrer das existências e sua abrangência restrita apenas a elas.

É possível acessar uma informação fora de seu círculo genético e reencarnatório? Sim, é possível, contudo isso requer muito desprendimento consciencial, sendo um processo demasiadamente complicado. Nos casos em que a psicologia usa a teoria de inconsciente coletivo do Dr. Jung para explicar situações assim, em 98% das vezes o que

está sendo efetivamente acessado é o conteúdo de vidas passadas.

É preciso lembrar que o inconsciente coletivo, mesmo o astral, possui capacidade de acesso a informações presentes e passadas, não sendo eficaz para ver o futuro, como os registros akáshicos. Isso se deve à condição quântica. No inconsciente coletivo, o acesso é apenas a possibilidades quânticas que foram observadas, ou seja, tornaram-se reais, ao passo que os registros akáshicos contêm todas as possibilidades quânticas, as observadas e não observadas, tanto no passado, no presente e no futuro.

Dissemos acima que o indivíduo possui maior facilidade de acesso a informações através do inconsciente coletivo devido a bolsões energéticos e egrégoras de força através de interesses e predisposições. Expliquemos um pouco melhor.

Como dito no início deste capítulo, as informações permeiam a todos, encarnados e desencarnados, em níveis distintos de acessibilidade. Ocorre é que existem agrupamentos de informações, através de associações energéticas, e como todos os indivíduos igualmente possuem energia, faz-se uma melhor conexão através da energia própria com a energia acumulada nesses

grupamentos, chamados de bolsões e egrégoras. A energia do indivíduo afina-se de acordo com seus interesses e predisposições.

É por tal motivo que podemos dizer que as egrégoras e os bolsões atuam como facilitador perceptivo das informações contidas no inconsciente coletivo, mesmo com a inclusão do contexto espiritual.

Outro aspecto relevante é a existência de níveis distintos de inconsciente passíveis de serem acessados, portanto passaremos a tratar da forma de que com eles podemos nos relacionar.

A observação do dia-a-dia traz curiosidades, muitas vezes até simples, mas que tem profundidade além da imaginação.

Atualmente, com as novas tecnologias mundiais, tudo está interligado. Com isso, é possível saber, quase que no mesmo instante, o que se passa do outro lado do mundo. Portanto, interesses e modismos diversos são disseminados em ultravelocidade. Mesmo assim existem informações que parecem simplesmente surgir em diversos pontos, através de pessoas que não se conhecem.

Isso faz com que essas pessoas se vistam de forma similar; utilizem determinado vocabulário;

demonstrem interesses pelos mesmos gostos musicais, culinários, artísticos de maneira geral, e até mesmo se comportem em sociedade de modo análogo. E tudo isso vivendo em países ou até mesmo em continentes diferentes.

É evidente que a cultura também ajuda. Mas esse é apenas o modo básico de acesso aos níveis de inconsciência coletiva.

O modo básico é aquele que todos possuem acesso. São as primeiras camadas, as mais próximas do inconsciente pessoal. Algumas dessas camadas são tão fáceis de serem atingidas que suas informações por vezes passam para o consciente de maneira natural, sem apresentarem o efeito “insight”.

Para acessar tais camadas não é preciso nada mais além de estar vivo, ainda que desencarnado. A antena de captação de cada um convive com essas informações naturalmente e as obtêm sem intervalos.

Porém, as informações dessas camadas tendem a se repetir. Isso significa que o material captado é filtrado pelo ser de acordo com seu arquivo, e se a informação recém-captada já pertence ao material arquivado, esta é retornada ao todo, mas deixa um sinal de captura, que é uma marca de presença,



como um contador que informa quantas vezes aquela informação foi captada. E quando uma informação tem muitos sinais de captura, a mente começa a entender que a mesma tem relevância, iniciando um processo de tentativa de emersão para a consciência, para que o ser pensante possa deliberar e definir o que fará com aquele material.

Não há intervalos na captação no modo básico, sendo as informações meramente repetitivas, por já existirem na consciência de muitos. E somente continuam na inconsciência coletiva porque alguns ainda não as conhecem.

Mas também existem informações preciosas e não repetitivas no modo básico. Para acessá-las é preciso direcionamento de ideias, porque são informações específicas de determinado grupo de conhecimento.

Por exemplo, apenas um músico consegue acessar certo tipo de informações musicais, pois possui conhecimento e interesse, o que equivale dizer que sua mente está voltada para tal contexto. Isso faz com que tenha diversos sinais de captura para várias informações. Isso é um facilitador perceptivo.

Vulgarmente sabe-se que pensar demais em determinado assunto faz evoluir o raciocínio e

permite expandir os conhecimentos. Isso é verdade, e agora entendemos o motivo por trás desta afirmativa.

Apesar disso, é igualmente possível que alguém que não seja um músico, para seguir com a utilização do exemplo dado, possa acessar tais informações musicais preciosas dentro do modo básico, devido à potência e ao afinamento de sua antena de captação.

Começamos a entender um pouco melhor os recursos de busca envolvidos e a mecânica de funcionamento interno e externo.

Em suma, todos possuem antenas para captar material proveniente do todo, que possui múltiplas camadas de acesso. Quanto mais simples e corriqueiro for o material, mais próximo estará do inconsciente pessoal, e mais fácil e com melhor qualidade será o acesso.

No modo básico, a mente busca informações sem cessar e tende a repetir a informação captada, o que gera sinais de captura que pode ser um motivador para que determinada informação seja transferida ao consciente.

Dentro do modo básico existem informações preciosas, ou seja, não repetitivas, mas que são

mais fáceis de serem acessadas por quem demonstra interesse real por elas, porque fazem parte de grupos específicos de interesse. Porém, mesmo aqueles que não são interessados diretamente em determinado assunto, e não pensam tanto a respeito, podem conseguir captar tais informações preciosas, somente devido à qualidade de suas antenas.

Este resumo é importante para que o mecanismo de funcionamento básico do inconsciente coletivo astral seja compreendido, uma vez que o mesmo sofrerá poucas alterações ao avançar em direção às camadas mais profundas.

Ainda sobre o modo básico, é importante frisar que o acesso às informações constantes nas camadas mais próximas é natural, pois estas são corriqueiras.

Sobre o afinamento da antena de captação falaremos mais adiante.

Acerca das informações preciosas que podem ser captadas através do modo básico, podemos dizer que fazem fronteira com camadas um pouco mais afastadas, que o mesmo já não tem acesso. E algumas dessas informações, de certa forma, coabitam camadas que podem ser acessadas tanto pelo modo básico quanto pelo modo seguinte, o

modo intermediário de captação. Isso significa que as informações preciosas no modo básico são mais corriqueiras no intermediário.

Além do modo básico e do intermediário, há o que chamamos de modo etéreo, pois que a sutileza do contato é tamanha que existe quase que uma junção do indivíduo com o conjunto de informações contido no cosmos.

A mecânica de funcionamento dos modos básico, intermediário e etéreo é similar, o que se altera na prática, é a qualidade e a profundidade das informações contidas.

Quando falamos em inconsciente coletivo astral, introduzimos a temática espiritual e todos os seus desdobramentos na teoria de inconsciente coletivo trazida pelo Dr. Jung. Isso significa dizer que o conceito de reencarnação está envolvido e, por conseguinte, é possível que informações de vidas passadas sejam acessadas pela atual personalidade.

Experiências, conhecimentos e habilidades desenvolvidas em vidas passadas, que não estão atuantes na vida presente, podem ser acessados pelo indivíduo, pois estão presentes no inconsciente coletivo, mesmo que não seja através da linhagem genética da personalidade atual, mas pertencente à

linhagem reencarnatória, o que tem maior potência e relevância, neste caso.

Tudo isso somente é possível com a devida sintonia e qualidade da antena de captação de cada um. Algumas correntes a chamam de superconsciência, outras de intuição, outras ainda, tratam desta antena como algo puramente científico, mas ainda sem clara e devida explicação; outras atribuem seus resultados a comunicações mediúnicas oriundas de espíritos desencarnados, e ainda há os que apenas falam em registros akáshicos. Sobre isso já falamos acima, e está clara a diferença.

Porém, seja qual for seu nome, isso é irrelevante, pois que o que realmente importa é sua utilização, por tal motivo, continuaremos a chamar tal recurso simplesmente de antena de captação.

Primeiramente, existem maneiras de se exercitar sua utilização. É como um exercício físico. Os encarnados andam com suas pernas, as utilizando de maneira correta, porém automática. No entanto, não estão preparados para correr uma maratona apenas pelo fato de andarem diariamente. Para tanto, é preciso ainda treinamento específico, no intuito de exercitar o corpo de maneira geral, de forma a prepará-lo para o esforço físico de maior

exigência - a maratona. Esta, por sua vez, trará um resultado maior e mais abrangente que apenas andar de um lado a outro. De forma similar funciona a antena de captação.

No modo básico, como vimos, a captação é contínua e automática, e isso seria análogo a andar. Contudo, para conseguirmos resultados, como completar uma maratona correndo o tempo todo, precisamos exercitar o corpo muito além que simplesmente caminhar. Da mesma forma ocorre com a antena de captação. Existindo exercícios para seu afinamento.

Para uma maratona não se inicia o treinamento realizando uma meia maratona, inicia-se, ao contrário, de forma lenta e gradual, mas trabalhando os movimentos e coordenações.

De forma similar funciona a antena de captação, e o primeiro exercício é pensar. Apenas isso. É incrível como existem seres, encarnados ou não, que simplesmente agem de maneira automática, sendo empurrados de um lado a outro, apenas por não pensar.

Pensar exercita a mente, e a faz procurar respostas para questionamentos diversos. Isso a impulsiona a buscar fora o que não possui. Mas não basta pensar um dia e voltar ao normal no dia

seguinte. É preciso continuidade; é preciso mudança de paradigma; é preciso iniciar um processo que altere o comportamento de ser. Para melhor, evidentemente.

Pensar em qualquer assunto que seja lícito, honesto e justo já é um grande avanço.

Com o tempo, o segundo passo é escolher um tema específico para pensar a respeito. De preferência, pertencente ao interesse pessoal a fim de obter melhores resultados, pois, como visto anteriormente, no modo básico as informações mais preciosas são obtidas através do pensamento em temas específicos.

Mas não é suficiente apenas pensar sobre o tema escolhido, é preciso ainda questionar, buscar soluções para os problemas encontrados, procurando encontrar meios de melhorar o que já existe. Ou seja, forçar a mente a sair de seu rol de informações, precisando buscar o conteúdo deficitário no exterior, justamente utilizando-se do inconsciente coletivo.

Esses são os primeiros passos para treinar e exercitar a antena de captação. E podemos dizer, os passos mais técnicos. Veremos agora os formatos mais sutis e que envolvem menos o raciocínio para ajustar e afinar a antena de captação.

Quanto mais intenso e profundo for o pensamento e o raciocínio, maior será o êxito nos modos básico e intermediário. No entanto, as grandes revelações, conquistas e informações encontram-se no conteúdo obtido através do modo etéreo. E para acesso a ele, é exigido do indivíduo justamente o oposto do requisito obrigatório para os modos iniciais: o não-pensar.

O pensamento gera consciência sobre si mesmo. Significa que quanto mais um ser utiliza o raciocínio, mais se identifica como um ponto no universo, uma partícula no todo.

Por maior que seja a capacidade de um ser pensante, sempre estará limitado às fronteiras de sua individualidade. Isso porque os grandes segredos e informações do universo podem ser acessados através da união com ele, não apenas do pensamento sobre ele.

É evidente e inegável o poder do raciocínio e do pensamento, e não estamos nós tentando subverter esta ordem. Apenas dizemos que, através da ausência temporária da onda de pensamentos na mente, torna-se possível, entre outros fatores, a percepção de ser parte integrante do universo, e não mais apenas uma partícula no todo.



Quando a onda de pensamentos é interrompida de forma temporária, a mente se esvazia e isso provoca a falta de percepção sobre si mesmo decorrente da falta de consciência. Desvinculando o ser de sua identidade como indivíduo, inserindo-o em contexto mais abrangente - a comunhão com o universo.

Sem identidade como indivíduo, o ser não se percebe mais como um ponto no todo, ao contrário, percebe-se unido ao todo. E neste estado dá-se o modo etéreo.

Isto posto, podemos dizer que os homens, de maneira geral, utilizam-se dos modos básico e intermediário para interagir com o inconsciente coletivo astral. Todavia, é preciso dizer que pouquíssimos conseguem acesso satisfatório através do modo intermediário. E sendo o modo básico precipuamente um automatismo, verifica-se com essa informação a extensão da capacidade atual da humanidade, em linhas gerais.

Ao analisarmos o modo etéreo, notamos que a premissa para acessá-lo é a ausência de pensamentos, ao menos de forma temporária. Mas como isso é possível? Como nós, seres pensantes, que nos destacamos do restante da criação justamente pela autoconsciência que se expressa

através do pensamento incessante, podemos refreá-lo e, dessa forma, adentrar nos recônditos do universo? Meditação.

Mas não uma meditação simples e superficial. Em verdade, tentem meditar por alguns minutos e entenderão a dificuldade encontrada para conseguir alguns segundos sem qualquer pensamento. É preciso, pois, direcionamento. E há técnicas disponíveis aos homens que podem garantir sucesso neste caso.

Não nos deteremos aqui a falar sobre como isso é possível, pois tal tema sairá bastante de nosso foco de estudo e além deste fato não teremos nós o mesmo brilhantismo e capacidade para discorrer sobre o assunto que outros mestres. Todavia, sugerimos ao leitor interessado no tópico que procure informações sobre a vida e a obra de nosso irmão Paramahansa Yogananda. Esta é, sem dúvida, a atual fonte de informações mais confiável e acessível aos homens encarnados.

Dito isto, podemos retornar ao inconsciente coletivo astral e tecer nossos comentários finais a seu respeito.

Movendo-se através do tempo em várias direções e tendo a reencarnação como principal aliada, o inconsciente coletivo astral proporciona

aos homens criatividade, descobertas, conquistas e superação de limites antes tidos como intransponíveis.

Contudo, não estão todos os homens capacitados a beber de tão importante fonte. E a razão para tal incapacidade reside neles próprios, em função do automatismo de suas ações e da resistência ao progresso espiritual.

Enquanto os homens continuarem sujeitos a interferências e sugestões externas, não passarão de robôs teleguiados para objetivos alheios. É preciso ter Deus no coração e fugir do automatismo, buscando a criatividade, pois foi através da Criatividade Divina que o universo foi concebido. Sigamos nós, também, por este caminho.

Não obstante, da mesma maneira que é possível obter-se conteúdos criativos capazes de proporcionar evolução e conquistas, existe a possibilidade de se extrair problemas do inconsciente coletivo astral, como patologias, por exemplo.

Como já foi dito, todas as informações da humanidade estão contidas no inconsciente coletivo astral, e não apenas as boas e saudáveis. Os problemas, os vícios e toda sorte de mazelas humanas também estão ali arquivadas, o que torna

possível o acesso a uma patologia. Mas como isso se dá?

Quando um paciente chega ao consultório de um psicanalista apresentando sintomas de claustrofobia, a primeira ação é diagnosticar o problema. Feito isso, o passo seguinte consiste em buscar a origem da questão claustrofóbica naquele paciente.

Normalmente inicia-se uma busca por quaisquer fatos traumáticos que justifiquem as queixas. Porém, muitas vezes a origem não está na vida atual, hipótese em que o psicólogo passa a atuar de duas maneiras: encaminha o paciente para a Terapia de Regressão ou decreta o stress das rotinas do dia-a-dia como causa do problema, receitando medicação controlada.

Não iremos nós opinar sobre a validade de nenhuma das ações dos profissionais atuais.

Quando o paciente é encaminhado para a Terapia de Regressão, irá desenvolver uma busca muito maior e mais abrangente no objetivo de encontrar a causa de seu problema atual. E tal busca será em vidas passadas.

É possível que a origem da atual claustrofobia esteja mesmo em experiências próprias de outra

existência, o que começaria a resolver a questão através do entendimento. Não é esse o objeto de estudo que pretendemos abordar.

Nosso caso se dá quando, mesmo após a busca através da Terapia de Regressão, nada é encontrado, não estando a origem na linhagem reencarnatória do indivíduo.

Portanto, se a origem do problema não reside na atual existência ou em vidas pretéritas, como se desenvolveu? Uma hipótese é que o stress seja realmente a causa; ou a origem pode residir no inconsciente coletivo.

Em verdade, o profissional da psicologia possui meios para descobrir, através da sondagem de interesses feita nas sessões.

É bom lembrar que para acusar o stress como causa é preciso investigar a fundo, e não apenas utilizá-lo como meio mais rápido de encerrar o diagnóstico. Através da sondagem de interesses, o psicólogo irá descobrir um pouco dos mecanismos de funcionamento do indivíduo. E com esses dados, poderá afirmar se o stress é ou não culpado.

Na maior parte dos casos, o stress não tem papel decisivo, sendo o foco de interesses do indivíduo a causa efetiva da patologia.

Em mais de 90% dos casos de claustrofobia, que não possuam origem em existência atual ou pretérita, o indivíduo retirou a patologia do inconsciente coletivo astral, sendo apenas o restante fruto de questões relacionadas ao stress.

Como se dá esse processo? Isso é mesmo é possível? Afinal, quem deseja desenvolver doenças?

Dissemos que um interesse específico faz com que um indivíduo tenha maior facilidade de perceber conteúdos em camadas um pouco mais profundas no modo básico de captação. E demos o exemplo de um músico.

No exemplo da claustrofobia, o princípio é o mesmo. Em cerca de 87% das vezes, o grupo de interesses dos pacientes está relacionado com sadismo e masoquismo e em todas as particularidades dessas práticas, que incluem perda temporária de liberdade, opressão e privação de alguns sentidos, para citar apenas alguns fatores.

A claustrofobia é a aversão ao confinamento, ou seja, medo de lugares fechados. Através de seus interesses deletérios em privação de sentidos e liberdade, o paciente buscou informações no inconsciente coletivo astral que desencadearam a claustrofobia.

No caso examinado, de tanto aprofundar seu pensamento no âmago de seus interesses, o paciente acabou por captar informações que o desagradaram a ponto de lhe impressionar negativamente. Tal fato gerou a energia responsável para o redirecionamento de busca dentro do inconsciente coletivo astral, associando-se a experiências similares lá registradas de outros indivíduos que desenvolveram patologias a partir de processos análogos. Nesta busca, o paciente acabou por captar informações pertinentes à claustrofobia, que por fim foi desenvolvida em seu organismo físico.

O psicólogo que se deparar com casos semelhantes poderá aliar estas informações ao tratamento.

Outro clássico exemplo é a síndrome do pânico. Em muitos casos, a causa não está na atual existência ou em vidas passadas, tendo sido desenvolvida através da retirada de informações do inconsciente coletivo astral por meio de interesses em tragédias, assassinatos, mortes, assaltos, estupros e violências de toda sorte. O processo para o desenvolvimento do pânico de se conviver em sociedade é o mesmo explicado acima para a claustrofobia, neste caso, a origem é o

aprofundamento dos interesses mórbidos elencados neste parágrafo.

A depressão também pode ter sua origem no inconsciente coletivo astral quando os interesses são em tristeza, melancolia ou histórias de comoção.

Citamos apenas três exemplos para ilustrar a capacidade que o indivíduo possui de ser o causador de suas próprias patologias através do inconsciente coletivo astral.

Portanto, o pensamento tem maior poder do que se supõe e pode fazer evoluir ou fazer adoecer. A prevenção está na triagem de pensamentos e interesses.

As virtudes, as belezas, as ações saudáveis estão todas contidas em Deus. Portanto, se Deus for nosso foco de interesse, jamais adoeceremos, jamais seremos privados de saúde física ou mental.

É por tal motivo que os santos de todas as religiões sempre ensinaram, através do exemplo, para voltarmos nossa atenção a Deus, Seus mistérios e belezas.



## Capítulo 4 – A Depressão

Nosso foco de estudo neste capítulo está ligado à tristeza e a sentimentos de menor carga energética, pois a depressão atua naqueles em que a alegria de sentir-se filho de Deus e parte integrante do universo deixou temporariamente a posição principal em suas mentes, abrindo espaço para dúvidas, incertezas, questionamentos e toda sorte de dores da existência.

A depressão pode ser desencadeada de várias maneiras: através de fatores externos, como traumas, separações, perdas e frustrações; através de doenças, como tumores e derrames; e, ainda, através da deficiência de neurotransmissores, que são substâncias fornecidas pelo organismo responsáveis pela comunicação celular.

É extremamente comum que alguém experimente tristeza, mágoa e vazio existencial decorrente de fatores alheios à sua vontade, tais como perdas de entes queridos, doenças de amigos e parentes, divórcios indesejados e frustrações por suas expectativas, nos mais variados segmentos de atuação, não terem se cumprido.

Neste ponto, a depressão inicia seu caminho através da culpa, remorso ou arrependimento. Não raras vezes o ser traz para si culpas que não lhe são próprias, como assumir responsabilidades sobre a saúde de alguém que desencarnou, ou está bastante

doente, ou ainda culpar-se pelos desejos não realizados do cônjuge insatisfeito. Em outros casos, o indivíduo também pode sentir arrependimento por não ter sido mais esforçado em certas situações que culminaram em frustrações diversas, ou simplesmente pela ação equivocada ou falta de qualquer atitude.

Todos estes sentimentos geram a percepção de erro. O ser entende que cometeu equívocos que eclodiram em determinados problemas vivenciados.

Quando o ser toma perfeita consciência do erro, mesmo que não seja sua culpa, o remorso assume papel ainda mais pesado na psique, de forma que o indivíduo possui apenas duas saídas: arrepender-se, mesmo que com a presença da tristeza, mas culminar o processo em reparação e conseqüente retorno a seu estado regular de convívio em sociedade; ou fixar seu pensamento apenas no suposto erro gerando mais remorso e culpa, iniciando, de fato, o processo da depressão.

Um segundo caminho para a depressão se manifestar é através de doenças próprias, quando o indivíduo encontra-se acometido por sérias questões de saúde, como câncer, AIDS, tumores, acidentes vasculares, ou mesmo problemas de tireoide.

O processo de culpa, erro e remorso é o mesmo, sendo que neste caso o indivíduo pode efetivamente ser o responsável por seu atual estado clínico. No entanto, mesmo sendo o responsável, pode terminar o processo em reparação ou iniciar o estado depressivo.

A terceira questão a ser abordada como causa da depressão é a deficiência dos neurotransmissores que, como explicado, é uma substância química responsável pela comunicação entre as células. Tal comunicação é importante, uma vez que as células contagiam-se entre si com cargas e impressões, redundando, inclusive, em estados de humor.

Quando este sistema de comunicação é falho, o indivíduo experimenta ausência de interesses na vida, pois quase nenhuma impressão passa a circular pelas células, o que provoca a sensação de vazio existencial. Tal processo é comum na terceira idade quando o organismo já está apresentando cansaço e falhas em seu sistema celular.

Apesar de todos estes caminhos clássicos para a depressão, muitos indivíduos que experimentam situações descritas acima simplesmente não se deprimem em hipótese alguma. Por outro lado, há casos em que indivíduos, percebendo-se em contextos muito mais brandos, acessam com certa facilidade o estado depressivo.

Isto pode ser explicado a partir do principal fator desencadeante da depressão: a percepção de mundo e o entendimento sobre si mesmo e seu papel como indivíduo nos grupos sociais nos quais atua.

De acordo com vários relatos e experimentos, observamos que a percepção da realidade é a principal causa da depressão. Isso se deve ao fato de os indivíduos terem capacidade de reação diferenciada aos mais diversos estímulos externos, o que equivale dizer que, sob os mesmos aspectos da vida, dois indivíduos podem reagir de maneiras destoantes; um pode conduzir-se à reparação de seu estado padrão e outro à depressão.

Jung nos fala que este processo está intimamente ligado às imagens arquetípicas, que são a imaginação produzindo cenários criativos daquilo que é experimentado em sociedade de acordo com a percepção própria do contexto cotidiano e o entendimento da vida.

Alguém que entende que sua vida é agradável não pode gerar imagens arquetípicas negativas, mesmo que, a outros olhos, sua vida seja intolerável.

De forma inversa, alguém que possui o entendimento que sua vida lhe parece insuportável, produzirá imagens arquetípicas compatíveis com sua percepção, mesmo que seu contexto social seja

extremamente agradável para outros indivíduos, que se sentiriam felizes e reconfortados em experimentar tal cenário.

Portanto, a depressão tem início em razão da forma com que o indivíduo vê o mundo e, principalmente, a forma como se vê sendo parte integrante do mundo e dos grupos sociais onde interage.

As imagens arquetípicas são representadas muitas vezes em sonhos ou fantasias e, conforme ganham força no consciente, abrem espaço para os sentimentos aflorarem nas atitudes.

Por exemplo, determinado indivíduo pode ser extremamente capaz de realizar certos tipos de trabalho. No entanto, caso se julgue inapto para tanto, criará imagens arquetípicas que podem ser representadas em sonhos onde deseja correr e faz força, mas quase não sai do lugar.

A recorrência de sonhos como este, em que a incapacidade de produzir resultados esperados seja a essência, faz com que a consciência comece a entender que, efetivamente, não existe qualidade ou capacidade para cumprir determinadas tarefas. E isso mina gradativamente a autoestima. Com o passar do tempo, ante a completa inação e tendo seus desejos continuamente frustrados, o indivíduo estará à beira do estado clínico depressivo.

Neste processo, acontece o que Jung denomina de represamento de energia psíquica, não sendo as relações objetais, como perdas, frustrações e doenças, as principais causas da depressão.

Jung considera que o represamento de energia psíquica é, de fato, o responsável pela depressão, o que ocorre em consequência de um problema neurótico ou psicótico. Este represamento de energia é o causador da inação, da falta de perspectiva e de interesses na vida.

Todos nós, encarnados ou não, possuímos um ciclo incessante de energia circulante em todos os corpos que nos compõem, sendo que a depressão não interrompe este processo. Porém, a ausência de atividades a partir de interesses específicos – a falta de direcionamento - provoca o represamento de energia.

Este acúmulo acaba por ser benéfico no momento da saída do quadro depressivo, pois que toda energia psíquica represada pode ser direcionada para alguma atividade e isso qualifica o indivíduo a ser bem-sucedido em seu empreendimento, lhe proporcionando bem-estar e alegria.

Muitas vezes, durante uma depressão, há epifanias e o indivíduo é capaz de reavaliar sua vida, seus interesses e atividades. E a saída da depressão ocorre quando percebe que pode ser feliz

interagindo com a vida e com seus semelhantes de outra maneira, incluindo a realização de trabalhos e atividades totalmente diferentes das praticadas até o momento. Neste ponto, ele é capaz de empregar toda a energia psíquica represada na prática das novas atividades.

A depressão, portanto, pode ser capaz de promover mudanças de vida, de corrigir rumos e perspectivas, desde que exista análise interior, pois que pode durar uma existência inteira. Inclusive, o estado depressivo pode ser levado a vidas futuras, caso não haja reação ao tratamento adequado na atual existência, quanto na passagem pelo plano espiritual.

Mas se a depressão pode mesmo ser um meio para se atingir um benefício, será ela uma ferramenta astral de correção de rumo, de acordo com a programação reencarnatória, e até mesmo um instrumento para a retomada de assuntos pendentes em vidas pretéritas? A resposta é sim.

Jung já havia observado que muitos pacientes que vieram a superar o estado depressivo conseguiram se renovar em suas vidas, sentindo-se felizes e realizados com isso, iniciando novas atividades, mesmo de natureza profissional, que até então jamais haviam tido a coragem ou simplesmente cogitado a possibilidade de realizá-las. Alguns pacientes relataram que haviam

encontrado uma alegria de viver que antes lhes parecia impossível.

Por que não mudaram suas vidas antes da depressão? Por qual motivo o estado depressivo foi fundamental para tomarem decisões drásticas em suas vidas? Porque lhes faltava coragem ou mesmo a percepção da necessidade para realizar as mudanças.

No caso da falta de percepção, a depressão era praticamente inevitável, uma vez que a infelicidade proporcionada pelas atividades exercidas conduzia para um desfecho depressivo.

A depressão é uma espécie de caminho natural para quebras de paradigmas internos e mudanças substanciais de padrão de vida.

No entanto, a depressão é uma doença e precisa ser tratada como tal. Sair de um quadro depressivo não é tarefa simples e não se deve, em hipótese alguma, desejá-la. O ideal é realizar mudanças sem a necessidade da depressão.

Contudo, no momento em que a depressão está instaurada no indivíduo, o que de melhor pode ser feito é aproveitá-la, entendendo suas causas e avaliando toda sua vida para traçar perspectivas para o porvir.



Sendo a depressão um caminho natural para mudanças, o represamento de energia psíquica funciona como um dínamo para o futuro, desde que estas não sejam realizadas através de análises salutares de vida e estando o indivíduo disposto a sair do estado depressivo.

Novamente, é importante frisar que a depressão é uma doença e precisa ser tratada como tal.

O ser é imortal e vive diversas encarnações acumulando conhecimentos e interesses, que podem ficar adormecidos por séculos e ressurgir depois, ou mesmo serem retomados a cada nova encarnação, dependendo do interesse e necessidade que o indivíduo possa atribuir à determinada atividade ou grupo de conhecimento.

Não raras vezes, um ser tem tanto interesse por alguma atividade que não pôde mais praticar, devido ao desencarne, que na encarnação seguinte todo assunto a ela relacionado acaba por lhe impressionar os sentidos chamando sua atenção como nenhuma outra é capaz de fazer.

Isso é possível de ser identificado no dia-a-dia e, muitas vezes, como no caso da música, alguém inicia uma atividade sem qualquer conhecimento prévio, ao menos na atual encarnação. Muitos compositores famosos foram autodidatas, ou seja, aprenderam o ofício sozinhos, sem a necessidade de professores.

Em casos assim, a depressão não foi necessária, uma vez que o indivíduo conseguiu retomar seu caminho deixado na encarnação anterior.

Entretanto, o que acontece quando isso não for possível; quando o indivíduo acaba não praticando a atividade de seu interesse e que deixou pendente; quando não há oportunidades de extravasar o que guarda no inconsciente e no perísprito; quando a atividade que pratica lhe parece tão deprimente que a doença seja um caminho praticamente irreversível?

Nestes casos, a depressão pode funcionar, ao seu término, com a retomada de atividades anteriores que garantem ao indivíduo saúde emocional e psíquica, através das práticas que efetivamente lhe interessem.

Em outros casos, de programação reencarnatória, pode o indivíduo ter facilidades para o desempenho de alguma atividade na atual encarnação, mas, por fatores diversos, acaba por não fazer.

No início, tudo parece correr normalmente. Entretanto, com o passar do tempo, a necessidade de cumprimento de suas tarefas acordadas anteriormente no astral latejam tanto no inconsciente que terminam por forçar a emersão na consciência, e isso resulta em desânimo e insatisfação com as atividades exercidas. O quadro

se agrava e a prostração chega. A depressão se instala e, com ela a possibilidade de corrigir os rumos e prioridades na encarnação.

Não é tarefa simples. Ao contrário, tamanha é a dificuldade que muitos entram e saem da depressão sem corrigir os rumos, ou sequer cogitam realizar atividades diferentes das praticadas anteriormente ao estado depressivo.

Significa dizer que entrar em depressão não constitui necessariamente solução, mas pode ser benéfico caso bem aproveitada, a partir de amplas análises de vida.

Em nossos estudos, coletamos diversos exemplos de situações em que a depressão acabou sendo um meio natural de retomada de curso e, também, de atividades pendentes de encarnações passadas. Vejamos abaixo um breve exemplo.

Em uma pequena cidade austríaca do início do século XX vivia uma jovem talentosa, com extrema qualidade para artes, especialmente na pintura. Seus pais, porém, não possuíam muitos recursos para que ela pudesse estudar arte e dedicar-se integralmente a essa atividade como profissão.

Desta forma, ela seguiu a família em sua atividade de subsistência nos campos, através da agricultura. Contudo, não largou seu talento e a paixão pelas artes, pois sempre que tinha folgas em

seu cansativo trabalho braçal, procurava extravasar sua capacidade artística em desenhos com carvão ou mesmo na montagem de quadros de grande formato, quando aproveitava o chão de terra e vários elementos de seu trabalho e da natureza para criar belas imagens.

A vida não lhe foi gentil no aspecto de lhe ofertar possibilidades de atuar artisticamente, além do que se esforçava para conseguir, mas sua paixão pela arte permaneceu acesa até o momento de seu desencarne.

Após uma passagem mais ou menos breve pelo astral, esta jovem atualmente se encontra encarnada em uma cidade europeia, localizada em um país com prestígio artístico. No entanto, sua família se dedica a negócios de natureza diversa, em que o talento adormecido para as artes não poderia ser desenvolvido.

Ela cresceu e foi preparada para ocupar espaço na diretoria da empresa familiar, dedicando-se a assuntos financeiros e extremamente matemáticos. Em nenhum momento ela demonstrou vontade, aptidão ou necessidade de praticar qualquer tipo de atividade artística, voltando-se aos estudos lógicos e capacitando-se para a gestão financeira.

Após os anos de formação e início de trabalho, finalmente ocupou seu lugar na empresa e executou sua função com brilhantismo até seus trinta e cinco

anos de idade, quando um vazio começou a tomar conta dela. Nada do que fizesse conseguia preencher o que parecia ser um buraco em sua alma, como um dia chegou a dizer para seu analista.

Mesmo com acompanhamento profissional não conseguiu evitar a depressão, que a abateu de forma tão violenta que precisou ser afastada de suas atividades profissionais na empresa. Após um ano inteiro de estado depressivo, ocasião em que engordou mais de trinta quilos, finalmente teve uma epifania que lhe permitiu mudar toda sua vida: comprou tela, tinta e pincéis.

A partir do momento em que molhou o primeiro pincel na primeira tinta e correu a cor sobre a tela, sua vida mudava para sempre, pois se reencontrava com a arte, com a pintura, que há muito estava esquecida.

Hoje, ela não mais atua na empresa, mas possui seu próprio ateliê de arte, perdeu os quilos que ganhou na depressão e consegue viver tranquilamente de sua expressão artística.

É importante ressaltar que o interesse pela pintura não decorreu exclusivamente da encarnação anterior. Ela já havia sido, em outra existência, um pintor de alguma expressão no cenário artístico, e somente na atual encarnação conseguiu retomar o caminho.

Para o profissional da análise ainda é muito difícil trabalhar com situações de vidas passadas, pela dificuldade em descobrir o que está oculto. Porém, é preciso ter uma visão ampla e considerar que o oculto pode ser a chave do tratamento, de sorte que é preciso sondar os interesses do paciente, na tentativa de encontrar, por exemplo, aptidões inexploradas.

Mesmo sendo uma tarefa complicada para os atuais profissionais, é preciso ter em mente que a depressão é uma questão de ponto de vista, que se manifesta a partir da forma como o indivíduo enxerga a vida. Por isso, quando alguém se deprime significa que algo está incompleto dentro de sua visão de mundo, algo que deveria estar contido e simplesmente não está. É justamente esse elo escondido que precisa ser encontrado, na atual ou em vidas passadas.

Leia também  
outros títulos do  
Instituto  
Pirâmide:

## **Joanna e a Atualidade Através do Espiritismo**

Espírito Joanna de Ângelis

A estimada e muito amada irmã Joanna de Ângelis presta seu apoio ao projeto de compartilhamento gratuito de livros psicografados, através desta nova obra.

Conforme já explicado pelo irmão Ramatís, em sua carta pública de esclarecimento disponibilizada no site [www.institutopiramide.com.br](http://www.institutopiramide.com.br), os espíritos comunicantes não podem ser tratados como marca de instituição editorial alguma, razão pela qual é perfeitamente legítima a livre manifestação.

No intuito de avaliar diretamente as diretrizes deste projeto e a ele emprestar seu prestígio, a irmã Joanna procurou a equipe espiritual que o coordena e entendeu que a melhor forma de subscrever a carta de Ramatís seria oferecendo um livro de sua autoria, sem prejuízo à continuidade dos trabalhos de longa data realizados, com tamanha qualidade e precisão, em parceria com renomado médium, no cenário espírita contemporâneo.

Isto exposto, nada mais há a dizer além de aconselhar os leitores a aproveitarem este belo e instrutivo livro de mensagens construídas a partir de excertos da obra “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec.



## **Luzes do Amanhecer**

Espírito Ermance Dufaux

Este é um livro composto por 40 singelas mensagens com a marca de Ermance Dufaux. Uma obra repleta de palavras amigas e carinhosas, providas de conteúdo aprofundado sobre o ser humano, que trazem aprendizado, paz e conforto.

São mensagens de estímulo ao empenho, à perseverança e às atitudes positivas ante os desafios evolutivos. Leia quando precisar: ao acordar, antes de dormir, antes de sair de casa, ao retornar, ao deparar-se com um problema ou em momentos delicados da vida. Ou, ainda, no culto cristão no lar.

Permita-se ser inundado pelas belas, doces e emocionantes mensagens para renovação íntima da estimada irmã Ermance Dufaux.

## **Induções Espirituais em Tempos de Transição Planetária**

Espírito Ramatís

Nesta elucidativa obra, o espírito de Ramatís nos adverte sobre a atuante presença das legiões do mal na rotina diária de todos os encarnados através de poderosas induções mentais e as maneiras pelas quais podemos nós nos defender.

Utilizando-se de pirâmides hipnóticas, torres de controle mental, agentes de indução, entre outros recursos, podem as legiões maléficas nublar a visão do homem, através de distrações, confusões e os mais variados desvios. Ramatís nos fala pormenorizadamente de cada um dos recursos nocivos ao homem utilizados pelas mentes malignas, porém de igual maneira, trata os recursos dos quais dispõem as falanges do bem no auxílio aos encarnados.

Em uma leitura envolvente e rica em detalhes, Ramatís nos mostra a necessidade de nos proteger do mal, especialmente no período de transição planetária pelo qual passa o planeta Terra. Aponta ainda que devemos ter urgência em alterar nossas conexões vibracionais, caso contrário, estaremos nós fadados ao degrado planetário.

Ramatís de forma atenciosa nos aponta o caminho. Mas cabe a um tomar suas próprias decisões.

## **Dois Amigos, Uma Vida e Um Mestre**

### Espírito Esíades

Nesta obra, o espírito Esíades nos contempla com a continuação da coleção intitulada “No Tempo de Jesus”.

Este é um emocionante relato do tempo em que dois jovens passaram ao lado de Jesus. Como se conheceram e como se tornaram amigos, tudo através da admiração que nutriam por aquele homem santo, que apenas de nome conheciam. E, principalmente, o que aprenderam com o Mestre.

Passagens valiosas com ensinamentos proferidos diretamente por Jesus, até então desconhecidos, são descortinadas nesta obra, através do convívio desses dois amigos, chamados de crianças, pelo próprio Rabi da Galileia.

Para aqueles que se interessam pelos conteúdos excluídos da história humana por desmandos de poder do Clero Católico, esta é uma leitura imperdível, ideal para quem deseja conhecer um pouco mais sobre a intimidade de nosso grande mestre, Jesus.

## **Trabalhos Mediúnicos na Casa Espírita**

### **Espírito Klaus**

O espírito Klaus nos brinda, nesta fascinante e esclarecedora obra, com diversos assuntos relativos aos trabalhos desempenhados pelos médiuns dentro das casas espíritas. Com linguagem acessível e abordando com a habitual franqueza todos os temas do livro, Klaus permite com sua narrativa que não somente os médiuns se beneficiem desta obra, mas também abrange a leitura para simpatizantes e curiosos acerca da doutrina espírita.

Desobsessão, trabalhos em desdobramento, vidência e intuição, convívio entre os médiuns e reforma íntima são os temas tratados pelo sempre incisivo irmão Klaus que, além de nos trazer textos introdutórios sobre os assuntos, ainda responde a uma série de perguntas formuladas acerca dos temas propostos. Klaus responde a mais de 160 perguntas de forma clara, franca e com apurado conhecimento sobre as questões abordadas, tão pertinentes às atuações dos médiuns dentro das casas espíritas. Leitura obrigatória para quem deseja aprender sobre os meandros e detalhes do bom funcionamento de qualquer instituição espírita, sendo trabalhador ou frequentador.

## **Anarquia no Clero – Uma História Sobre Livros Perdidos**

Espírito Lucarino

Durante a idade média, dentro de um convento para frades menores. Foi neste cenário que uma trama do próprio Clero privou a humanidade de conhecimentos, através da destruição de livros e papiros raros.

Lucarino, o autor espiritual, que viveu neste convento na época onde tudo aconteceu, ocupando a posição de franciscano copista, narra com riqueza de detalhes todos os sórdidos e surpreendentes momentos deste maquiavélico plano.

Mostra, ainda, como as trevas interviram no processo e quais os motivos que o Clero possuía para o cruel e sombrio desfecho.

Indispensável para quem deseja saber mais sobre os bastidores da história religiosa, no que tange aos escritos que, naquela época, feriam aos interesses da Igreja Católica.

## **As Visões de João, um Pequeno Profeta**

### **Espírito Esíades**

Emocionante e importante relato sobre a vida de um jovem profeta e o que ele enfrentou para que suas visões pudessem chegar à posteridade. O relato inclui seus dramas pessoais e todas as dificuldades vivenciadas à época pelo povo, cerca de 150 anos depois do nascimento de Jesus. Como se já não bastasse a pressão exercida pelo Império Romano sobre qualquer cidadão, João enfrentou desafios adicionais por ser seguidor do Cristo e evangelizador. O jovem cristão, desde cedo, tinha visões do futuro. Em princípio, apenas de pessoas e cenários próximos no espaço e no tempo. Posteriormente, João começa a ter visões mais elaboradas, com pessoas por ele desconhecidas e cada vez mais distantes no tempo. Suas visões incluem a idade das trevas e o holocausto, entre questões de bastidores da Igreja Católica e a bomba atômica. Porém, suas visões não são apenas sobre eventos que nos dias de hoje já aconteceram. Este surpreendente livro nos traz visões acerca de um futuro que ainda não vivenciamos. Os principais fatos deste livro foram escritos em papiros e enviados para a Igreja, onde, por motivos diversos, foram perdidos.

## **Cinco Temas para Cinco Amigos**

### **Diversos Espíritos**

Nesta obra, cinco espíritos convidados abordam individualmente cinco temas diferentes: amor e sensibilidade; liberdade e responsabilidade; reencarnação; transição planetária e comportamento dos médiuns.

Cada capítulo trará uma mensagem inicial e o aprofundamento do tema pelo espírito, que ainda responderá a cinco perguntas pertinentes ao assunto abordado.

Além da irmã Ana, de calmas e doces palavras, a obra conta ainda com a participação de Lucarino, autor de *Anarquia no Clero – Uma História sobre Livros Perdidos*, dos frades Roberto Luccia e Eluades; além da gentil e emocionante presença da irmã Ermance Dufaux.

Cinco Temas para Cinco Amigos é uma obra imperdível para aqueles que desejam saber mais ou serem iniciados em questões tão importantes e atuais. Sendo indicado não somente para os médiuns, mas para todos que simpatizam e frequentam o Espiritismo.

## **Felicidade Contida no Amor – A Busca da Paz**

Espírito Ermance Dufaux

Novamente a estimada irmã Ermance Dufaux supera-se. Desta vez, nos brinda com belíssima obra sobre a busca da felicidade real, e não apenas tece considerações teóricas que permeiam o perímetro da paz e da felicidade, vai mais longe e nos indica os caminhos, tal qual uma legítima psicóloga, nos conduzindo por sessões de autoconhecimento.

Trata-se de uma jornada para dentro de nossa própria consciência, começando pelo olhar sobre nós mesmos. Em sequência, exploraremos nosso passado emocional, abordando inclusive nossos dramas e conflitos. Tudo com a brandura, paciência e amor desta inconfundível irmã.

Os leitores encontrarão, além de auxílio, alívio e conforto nestas páginas.

Sem dúvida, trata-se de um livro renovador e profundo, que conduzirá o leitor a novas percepções de vida na busca pela paz que o Senhor nos reserva.



## **Judaeh, um Anônimo Seguidor de Jesus**

Espírito Lucarino

O espírito Lucarino nos brinda com esta primeira, emocionante e reveladora, obra da coleção intitulada “No Tempo de Jesus”.

Este livro narra detalhes, até então desconhecidos, da passagem de Jesus entre os encarnados, feito por testemunhas oculares que tiveram contato direto com o Mestre e escreveram o que viram, e suas experiências pessoais com o Rabi da Galileia. É uma daquelas narrativas perdidas no tempo, pelos mais variados motivos; porém, felizmente para a humanidade, através do autor espiritual Lucarino, que em uma de suas encarnações personificou um franciscano copista, foi trazida de volta para lançar luz sobre diversos temas, ainda polêmicos, nas palavras do próprio Jesus, como por exemplo, a reencarnação. O livro conta a história de Judaeh, apenas mais um daqueles anônimos seguidores de Jesus. Mas diferente da maioria, Judaeh teve a bondade de nos deixar relatos preciosos sobre a época em que Jesus, nosso zeloso governador do orbe, andou com seus próprios pés sobre a Terra. Prometendo ser esclarecedor, este livro certamente responderá a diversos questionamentos que há tanto permeiam o imaginário popular.



[www.institutopiramide.com.br](http://www.institutopiramide.com.br)

[faleconosco@institutopiramide.com.br](mailto:faleconosco@institutopiramide.com.br)

**Encontre-nos também no Facebook.**